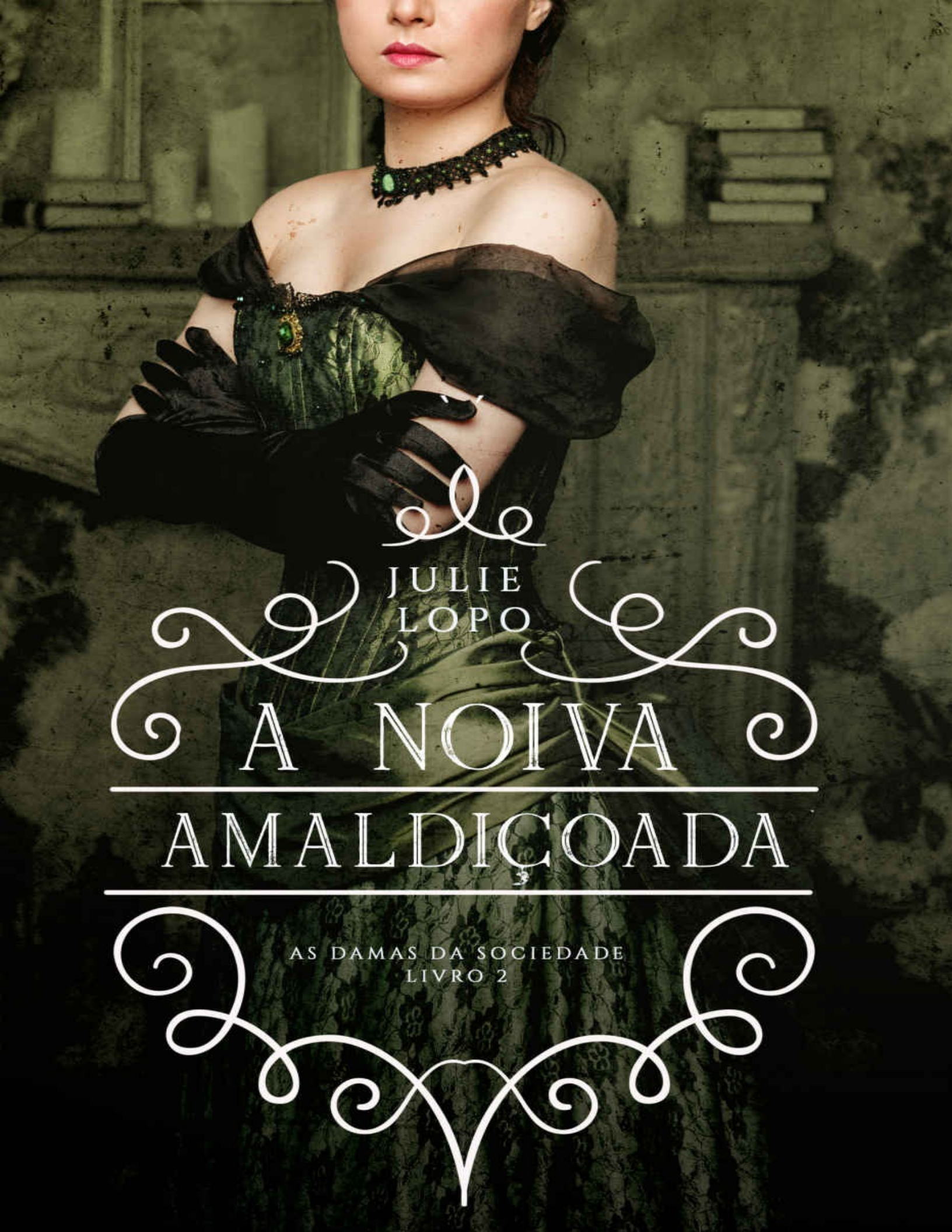




JULIE
LOPO

A NOIVA
AMALDIÇOADA

AS DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 2





JULIE
LOPO



A NOIVA

AMALDIÇOADA

AS DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 2



Copyright © 2019 Julie Lopo

Capa: LA Design
Revisão e Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor. Os infratores serão punidos na forma da lei.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Biografía](#)

[Obras](#)

Prólogo

Tudo o que Katherina Threston sempre quis foi se casar, um ano antes obtivera sucesso, se não fosse o jovem marquês cair morto assim que saíam da igreja. Para evitar qualquer problema para a jovem noiva, seu pai providenciara a anulação do casamento, uma vez que ele não havia sido consumado. Após um ano, onde guardara luto por um tempo em memória do falecido noivo, Katherina se encontrava novamente na expectativa pelo casamento, que se realizaria no dia seguinte.

Carter Rodwell, futuro conde de Eglington, era completamente diferente de seu antigo noivo, ele possuía um charme cativante, era gentil, sabia dançar, a respeitava e principalmente não era esnobe. Os dois se conheceram na temporada londrina no ano anterior, mas já estava noiva. Depois da morte de seu marido, Carter se aproximara e com o tempo a cortejou com a permissão de seu cunhado Coltrane Eymer, conde Benningfiel, que assumira tanto a sua tutela quanto das irmãs mais novas, após a morte de seu pai por escarlatina; devastada com a perda do marido, sua mãe o seguiu poucos meses depois.

Coltrane era o tipo de homem que recebia o máximo de respeito possível. Ele era conhecido por ser implacável e sem coração, mas Katherina sabia que não era verdade, por presenciar a forma como tratava sua irmã mais velha, Cornélia, com carinho e principalmente o filho recém-nascido deles.

Fora Coltrane então que permitira a corte de Carter, e dera sua mão em casamento. No dia seguinte, em uma linda capela no centro de Londres, Katherina se tornaria Katherina Rodwell, e começaria sua vida de casada como

sempre sonhou.

— Não vejo a hora de ser a minha vez — Hester diz sorrindo para Katherina enquanto tomam um chá da tarde. — Daqui dois anos serei eu a debutar e conseguir um rapaz tão lindo quanto Carter e tão justo quanto Coltrane.

— Tenho certeza que conseguirá encontrar o que deseja — Cornélia diz e olha para a porta onde uma pequena agitação começa.

Coltrane entra a passos largos na sala da família e olha para Katherina, seus olhos parecem pegar fogo, seus lábios apertados em uma linha fina demonstram que as notícias não são boas.

— O que houve, Coltrane? — Cornélia se levanta e se aproxima do marido.

— A sessão do Parlamento foi interrompida, chegou uma péssima notícia. Eu vim diretamente para cá, porque queria ser eu a contar.

— O que de tão terrível poderia ter acontecido? — Cornélia pergunta se preocupando.

— Houve um acidente, os cavalos da carruagem que Carter estava perderam o controle e saíram em disparada. Eles atropelaram tudo o que viram pela frente, antes de caírem de uma ponte em um rio.

— Ele está bem? — Katherina se levanta. — Tenho que ir para a casa dele, devo ficar ao seu lado. O casamento deverá ser adiado caso sua condição... — ela para de falar ao perceber que o cunhado esfrega o rosto. — Ele está bem, não está?

— Infelizmente, querida, Carter não resistiu aos ferimentos. Ele foi traspassado por um pedaço da carruagem na queda.

— Carter está morto? — Katherina sente suas pernas falharem, Hester e Pippa, sua irmã mais nova, a seguram e a ajudam a se sentar. — Diz que é mentira, Coltrane.

— Bem que eu gostaria, Kathy, mas infelizmente Carter está morto.



Katherina observa o grande salão de baile, depois de dois anos reclusa sem frequentar saraus, bailes, festas e jantares importantes voltara ao agito da temporada apenas porque sua irmã Hester pedira. Ela não queria enfrentar a alta sociedade londrina sozinha, e mesmo que tentasse argumentar que sua companhia não seria útil na tentativa de encontrar um marido, Hester estava determinada a tê-la ao seu lado.

Ficar de lado em um salão lotado, ou sentada no canto das solteiras, era praticamente sua rotina de todos os bailes, a única vez que conseguira dançar foi por intermédio da duquesa de Wentworth, que lhe apresentara Aiden Lavelly, dono das lojas Lavelly. Katherina conhecia bem o lugar, ela e suas irmãs passeavam pela loja que possuía praticamente de tudo. Era ali que encontrava os materiais necessários para o seu passatempo. Sua única distração e seu único talento era a pintura. A casa de campo em Hampshire e a Mansão Eymer, em Londres, estavam praticamente lotadas de telas pintadas por ela.

Deixando seus olhos vagarem pelo salão, Katherina avista a condessa Henrietta Rodwell, mãe de Carter, seu noivo morto há dois anos em um acidente horrível. No tempo em que tirara para praticamente viver reclusa se afastara de tudo, suas amigas estavam todas casadas, e se aproximar da família de Carter a machucava profundamente. A mulher ricamente vestida em um vestido de veludo preto, deveria ser sua sogra, ela a recebera de braços abertos ao que seria sua nova família. A última vez que vira Henrietta fora no enterro de Carter.

Soltando um suspiro, Katherina atravessa o salão de cabeça erguida, ela

sabia que agora possuía uma fama de Noiva Amaldiçoada, as matronas da sociedade alertavam seus filhos para que ficassem longe dela, pois se tentassem se casar com Katherina teriam o mesmo destino de seus dois noivos anteriores.

— Condessa? — Katherina chama baixinho, a mulher olha para ela e abre um sorriso radiante e se levanta para abraçá-la.

— Como está, minha querida?

— Envergonhada por não ter a visitado antes.

— Não precisa sentir vergonha, você precisava de um tempo para se recuperar de sua perda. Eu sei como se sentiu após a morte de Carter, nós duas o amávamos.

— Como a senhora está? O conde está bem?

— Fergus está bem, foi difícil aceitar a morte de nosso único filho. Mas com o tempo a dor foi diminuindo. Lorcan tem ajudado bastante.

— Lorcan?

Katherina lembrava perfeitamente do único sobrinho e agora herdeiro do título. Lorcan e Carter se entendiam tão bem quanto era possível. Por diversas vezes, seu noivo dissera que se desentendera com o primo. Lorcan era ambicioso, gostava de esbanjar charme e dinheiro para todos os lados. A antiga rixa entre os primos começara quando eram ainda crianças e persistira até o dia da morte de Carter.

— Ele tem ficado ao lado de Fergus durante todo esse tempo. O tem ajudado com a propriedade e administrar os arrendatários. O rapaz sentiu a morte do primo, e se viu como o único que deveria assumir o cuidado com os pais de seu primo querido.

— Eu não diria tão querido assim — Katherina diz sem acreditar no que ouvia. — Carter e ele discutiam praticamente todas as vezes que se encontravam.

— Eu sei, mas acredito que ao ver Carter em um caixão, fez com que ele mudasse de atitude. Somos a única família que lhe resta. Como estão suas irmãs?

— Cornélia está esperando o segundo filho. Ela e Benningfiel, estão torcendo para que dessa vez venha uma menina. Ele disse que já tem seu herdeiro, então uma filha seria muito bem-vinda. O que eu não entendo, já que ele vive em uma casa cheia de mulheres.

— Deve ser exatamente por isso, ele sabe o quanto meninas são preciosas. Se não me engano, Hester está perto de debutar.

— Ela foi apresentada a Rainha esse ano, somente por isso voltei para os salões de bailes, porque queria minha companhia. O que foi um erro, Hester quase não recebeu convites para dançar, e sei que isso se deve a minha presença.

— Ah... — Henrietta pega a mão de Katherina e dá um tapinha tentando confortá-la. — Escutei as más-línguas a seu respeito, não dê ouvidos para essas matronas que não possuem nada para fazer a não ser difamar jovens damas. Você é linda, Katherina, tem um bom coração, meu filho a amava e eu sei que seria uma boa esposa para ele. O homem que se casar com você irá tirar a sorte grande.

— Um homem para se casar comigo terá que quebrar essa terrível maldição e não creio que algum desses homens nesse salão tem coragem suficiente para se arriscar a um noivado comigo.

— Tenho certeza que encontrará alguém que não se importará com uma bobagem como uma “maldição”. Isso não existe, querida.

Após conversar mais um pouco com Henrietta, Katherina atravessa o salão para se encontrar com Cornélia. Mais um pouco e o jantar seria servido e eles poderiam ir embora.



Katherina, Hester e Cornélia passeiam pelos corredores da Lavelly's. Como precisava de algumas tintas e um novo pincel, convencera suas irmãs a acompanharem. Mesmo com uma barriga enorme praticamente no final da gravidez, Cornélia as acompanhava. Por serem jovens e solteiras, Katherina e Hester não poderiam andar pela cidade desacompanhadas.

— Precisam de mais alguma coisa? — Cornélia pergunta assim que descem

a escada para o térreo. Elas passaram quase uma hora olhando todos os produtos.

— Apenas os pãezinhos doces — Hester diz com os olhos brilhando.

— Não tenha dúvidas, minha irmã, que compraremos os pãezinhos.

Katherina se diverte com a resposta de Cornélia, desde que experimentara o pão doce da Lavelly's, não saía dali sem comprar alguns para levar para casa. Enquanto tenta se concentrar na conversa das irmãs ao seu lado, sua cabeça gira com as imagens que gostaria de pintar quando chegassem em casa, comprara um lindo tom de azul que poderia mesclar criando um grande mar na tela, que estava em seu cavalete esperando por um pouco de cor. Por causa de sua distração, não percebe que pisa em falso, seu corpo começa a cair e a única coisa que poderia se agarrar é em Cornélia, mas temendo levar sua irmã junto, ela leva as mãos para frente para tentar amortecer a queda da escada.

— Kathy! — Hester grita tentando segurá-la sem sucesso.

O corpo de Katherina se choca no chão frio, seu tornozelo parece queimar devido a torção ao tentar evitar a queda.

— Você está bem? — Cornélia pergunta preocupada, por causa da barriga não poderia se abaixar ao lado de Katherina.

— Meu tornozelo está doendo.

Ao lado delas uma grande multidão começa a se formar, algumas pessoas se afastam abrindo caminho para um homem alto, com os cabelos loiros levemente encaracolados, ele se abaixa ao seu lado e Katherina precisa se concentrar no que ele diz:

— Está bem, Srta. Threston?

— Acho que machuquei o tornozelo.

Aiden Lavelly olha para o pé dela demonstrando certa preocupação, ele pede para um dos funcionários chamar um médico e se vira para ela novamente.

— Vou levá-la para o meu escritório, o médico já está a caminho, depois que ele der uma olhada em seu estado a ajudarei a ir para casa. Permita-me. —

Gentilmente Lavery a levanta em seus braços e sobe a escada sem qualquer esforço. Atrás dele suas irmãs os acompanham.

Lavery entra em um escritório minimamente mobiliado; se não fosse a mesa, duas cadeiras e um sofá, a sala estaria praticamente vazia. Ele a coloca com cuidado no sofá e se afasta.

— Acredito que o melhor seja tirar o sapato e a meia dela. Vou pedir para que levem sua carruagem para os fundos, será mais fácil na hora de irem embora.

— Obrigada, Sr. Lavery — Cornélia o agradece e pede para Hester tirar o sapato e a meia de Katherina assim que elas ficam sozinhas.

— Acho que a maldição decidiu que eu devo ser a próxima vítima — Katherina tenta brincar, mas recebe um olhar de desaprovação da irmã mais velha.

— Não brinque com isso, Kathy. O que seria de mim nos salões de bailes com aquelas matronas rabugentas? — Hester pergunta enrolando a meia e a colocando no sapato que havia tirado.

Uma batida leve, mas determinada na porta as alerta de que alguém vai entrar, Lavery indica para que o médico entre, ele vai até Katherina e a examina com atenção.

— A carruagem já está nos fundos da loja. Se precisarem de mais alguma coisa, por favor, me avisem.

— Obrigada pela gentileza, Sr. Lavery — Cornélia agradece educadamente.

— Não há nada quebrado, apenas uma torção. Deve descansar por alguns dias com o pé para cima. Vou lhe dar um pouco de láudano para a dor. Se não abusar muito, em pouco tempo estará de pé novamente — o médico diz para Katherina e entrega um pequeno frasco para Cornélia. — Se a dor persistir, me chamem novamente.

Após o médico ir embora, Aiden se oferece para carregar Katherina até a carruagem, seria necessário descer outra escada e ele não queria que ela se machucasse novamente.

Ao estar novamente nos braços de Lavelly, Katherina sente o seu perfume, almíscar misturado com algo um pouco mais forte. É inebriante e ao mesmo tempo perturbador, ela parecia não pensar corretamente enquanto estava em seus braços. O peito firme dele parecia uma rocha, os braços fortes a sustentavam sem qualquer esforço. De tão perto era possível observar os seus olhos claros como dois rios, o leve sorriso sempre presente em seu rosto era ainda mais conquistador.

— Obrigada e desculpe pelo trabalho.

— Trabalho algum, Srta. Threston, espero que se recupere rapidamente.

— Se depender de Cornélia ficarei de cama por duas semanas — ela suspira e escuta uma risada baixa, o peito de Lavelly treme levemente enquanto ele ri.

— Ela é uma irmã mais velha, não tenho dúvidas que a vigiará como um falcão para garantir que descanse.

— Não poderia estar mais coberto de razão.

Lavelly ajuda Katherina entrar na carruagem e oferece sua mão para que as irmãs entrem logo atrás. Enquanto a carruagem se afasta, ele a segue com o olhar. Desde que fora apresentado para Katherina por Eleanor, não conseguira tirar os olhos da jovem dama, ela era linda, possuía um belo sorriso, mesmo que seus olhos passassem um pouco de dor e sofrimento. Após a dança ele ouvira sobre sua história, sobre como os seus dois noivos morreram precocemente, lhe causando um terrível apelido de A Noiva Amaldiçoada. Ele não achava certo que a rotulassem com algo tão depreciativo.

Ao voltar para o seu escritório, determinado a trabalhar um pouco e tirar a bela moça de sua cabeça, percebe um delicado sapato com uma meia dentro e algumas sacolas esquecidas. Katherina e suas irmãs haviam esquecido suas compras para trás. Seu desejo de esquecê-la some ao perceber que agora seria obrigado a visitá-la e levar suas sacolas.

Com um sorriso de orelha a orelha, Lavelly junta as coisas esquecidas e leva para sua mesa, o destino lhe dera um motivo perfeito para visitar Katherina, e se o queria os dois se encontrassem novamente, quem seria ele para dizer não?



— Só você mesmo para conseguir cair de uma escada em uma loja lotada — Pippa diz segurando a barriga de tanto rir.

As irmãs Threston são em quatro, sendo que Pippa, a caçula, perto de completar quinze anos, era paparicada pelas irmãs mais velhas, já que era ainda muito nova e praticamente passado três anos das mortes dos pais ela quase já não se lembrava mais deles.

— Você fala como se eu tivesse a intenção de rolar pela escada. Cornélia e Hester são as culpadas.

— Posso saber, em nome de Deus, como sou culpada? Eu nem mesmo te empurrei — Cornélia pergunta indignada.

— Vocês duas estavam falando demais, e quando comecei a cair a única coisa que poderia me agarrar era em você, e para evitar de levá-la junto, caí sozinha. Então você tem culpa.

Pippa volta a rir enquanto Cornélia balança a cabeça pela provocação da irmã. Depois de passar o resto da tarde e à noite deitada na cama, Katherina praticamente implorara para descer e ficar na sala no dia seguinte.

— Com licença, Lady Benningfiel, um senhor deseja fazer uma visita — Gibbons, o mordomo diz ao entrar na sala.

— Quem seria?

— Ele diz se chamar Aiden Lavelly.

— O que o Sr. Lavelly está fazendo aqui? — Hester pergunta se arrumando no sofá, onde estava praticamente deitada lendo um livro.

— Vamos ter que convidá-lo a entrar para descobrir. Traga-o aqui, Sr. Gibbons. — O mordomo faz uma reverência e não demora muito para que Lavelly entre na sala.

— Bom dia, desculpem vir a essa hora, mas é que, à tarde, terei algumas reuniões. — Lavelly se aproxima e cumprimenta a todas.

— Essa é Pippa, minha irmã mais nova — Cornélia apresenta.

— É um prazer. — Ele sorri para Pippa. — Acredito, Lady Benningfiel, que isso seja de vocês — diz levantando as sacolas.

— Por Deus, eu nem mesmo me lembrava das nossas compras.

— É compreensível, saíram preocupadas com a senhorita Threston. — Virando-se para Katherina, ele se aproxima um pouco, depois de deixar as sacolas com uma criada. — Como está?

— Um pouco melhor, o inchaço começou a diminuir, e já não dói tanto.

— Fico feliz em saber.

— Por favor, Sr. Lavelly, sente para tomar um chá. Se não estiver com pressa, é claro — Cornélia convida, Katherina sempre invejara a irmã, que conseguia ser a anfitriã perfeita.

— Obrigado pelo convite.

Sentando-se em uma poltrona perto de Katherina, Lavelly olha para a sala que possuía um ou dois quadros adornando lindamente o ambiente.

— Lady Benningfiel, perdoe a minha intromissão, mas quem é o artista? — Ele aponta para o quadro sobre a lareira. — Essas telas são lindas, percebi algumas assim que entrei em sua casa, e vejo que todas possuem a mesma assinatura.

— Khaty é quem pintou todos — Pippa entrega a irmã, que fica sem graça.

— Você pintou essas telas? — Lately pergunta sem acreditar. — A senhorita tem um grande talento.

— Obrigada.

— Já pensou em vender os seus quadros?

— Quem iria querer comprar esses desenhos?

— Todos que virem as telas — Cornélia responde por ele. — Já incentivamos a Kathy de vender alguns quadros, Benningfiel até mesmo se oferecera em procurar alguma galeria, mas ela sempre se recusa. Diz que não tem tanto talento assim.

— Você é a talentosa da família, Cornélia, não eu.

— Querida, eu apenas toco o piano, você consegue retratar sentimentos nas telas.

— Senhorita Threston, aceitaria fazer um experimento? — Lately pergunta com os olhos brilhando. Uma coisa que ele sempre teve talento, era identificar algo que desse dinheiro, e esses quadros valiam muito para ficarem escondidos. — Levo alguns quadros para a minha loja e os coloco à venda, assim saberá se as pessoas comprariam ou não.

— E quanto ela ganharia pelas vendas? — Hester pergunta interessada.

— Eu fico com 20% e o restante será dela. Mas uma vez que percebo que a Srta. Threston não acredita em seu talento, eu mesmo colocarei os valores nas telas.

— Que telas gostaria de enviar, Kathy? — Cornélia pergunta com um sorriso, pela primeira vez sua irmã teria o devido reconhecimento.

— Eu não sei.

— Por que as suas irmãs não escolhem algumas telas? — Lately sugere.

— Eu posso fazer isso. — Pippa se levanta rapidamente e puxa Hester.

— Quantos quadros você possui prontos? — Lately pergunta e escuta uma risada de Cornélia.

— Só em Hampshire, acredito que tenham por volta de umas quinhentas telas, Kathy leva em média de dois a três dias em cada tela. Então temos muitas para vender.

Não demora muito Pippa, Hester e um criado entram na sala com alguns quadros. Lately se levanta e pega as telas com cuidado, o talento de Katherina era nítido, ele poderia ser apenas um homem comum, não ser letrado em artes, mas sabia reconhecer talento, e ela tinha de monte.

— São lindos — Lately diz sem conseguir tirar os olhos das telas.

Katherina observa suas irmãs levantarem as telas dizendo que cada uma deveria ser vendido por um valor praticamente exorbitante. Quando uma tela específica é mostrada para Lately, o coração de Katherina bate mais rápido.

— Essa não! — ela grita tentando se levantar e assusta a todos.

A tela escura com a paisagem de um campo aberto com uma árvore pegando fogo no centro, por ser atingida por um raio, era uma de suas telas mais importantes, havia um significado por trás e ela jamais conseguiria se desfazer daquele quadro.

— Pippa, leve esse quadro de volta — Cornélia pede e se senta ao lado de Katherina, que não desvia os olhos da tela. — Existe alguma outra tela que não queira se desfazer?

— Das que trouxeram apenas essa.

— Está bem, ela vai voltar para o quarto de pintura. Mais tarde podemos nos sentar e repassar cada um dos quadros e você pode dizer o que quer vender ou não.

— Você fala como se meus quadros fossem vender rapidamente.

— Eu não tenho dúvidas de que isso irá acontecer — Lately responde e

indica cinco telas separadas. — Vou levar essas cinco hoje e prometo que assim que vendê-las informarei. Acredito que até o final do dia terei muitas encomendas.

— O senhor está sendo muito gentil.

— Estou sendo apenas realista. E como um bom empresário, devo salientar que uma vez que eu estou incentivando esse talento, espero que os próximos sejam vendidos em minha loja.

— Não deveria falar comigo sobre isso? — Coltrane pergunta entrando na sala, Lately estica a mão se apresentando. — Eu sei quem você é. Então vai levar os quadros de Katherina para vender em sua loja?

— Exato, ela concordou em fazer uma experiência. Se desejar, podemos fazer um contrato de venda exclusiva.

Coltrane observa Lately por alguns segundos e balança a cabeça.

— Me informe por quanto vendeu os quadros, se eu acreditar realmente que obtive sucesso em divulgar essas telas, poderemos negociar.

— Obrigado. Se me dão licença, vou para a loja, quero arrumar um lugar de destaque para os quadros.

Ao sair da mansão Benningfiel, Aiden sentia ter um tesouro em suas mãos, as telas eram incríveis, ele sabia que as venderia rapidamente, mas uma em específico ele mesmo seria o comprador. O belo alazão preto empenado em duas patas, com um belo pôr do sol atrás, era espetacular. Ele colocaria aquela tela em seu escritório.



Quase no final do dia, um mensageiro bate na porta da mansão enquanto eles se preparam para jantar, o mordomo se aproxima com um bilhete e entrega para Coltrane, que o lê concentrado enquanto as mulheres a sua volta o observam. Ele estende o bilhete para Katherina e gesticula com a cabeça, tomando a mão da esposa ele vai para a sala de jantar. Katherina olha para o pequeno recado e sente seu coração bater mais rápido.

*Todos os quadros foram vendidos, tenho uma encomenda para mais seis.
Quando posso buscá-los?*

Lavelly



Aiden jamais se sentira tão animado por um negócio em sua vida, como estava agora com os quadros que Katherina pintara. Assim que colocara as quatro telas à venda, em menos de meia hora todos estavam vendidos e já possuía encomendas para outros. A quinta tela, estava em sua sala, ele mesmo comprara, pois não conseguia tirar os olhos da pintura.

Na manhã seguinte, após cuidar de alguns assuntos, decide fazer uma visita para Katherina, não só para pegar as telas encomendadas, mas também para lhe pagar a primeira parte das vendas. Ao decidir os preços, levava em conta o tamanho da tela e a simplicidade da pintura. Ele sabia que provavelmente Katherina possuía quadros muito mais elaborados, como o que ela se recusara a vender.

Após se anunciar para o mordomo da casa, ele espera por alguns segundos até ser levado novamente para a sala de visitas; para sua surpresa, o conde Benningfiel estava presente.

— Veio buscar as telas? — Coltrane se levanta tomando a palavra.

— Sim, mas também para entregar o dinheiro da venda de ontem. As telas ficaram expostas por exatos trinta minutos antes de serem vendidas. Meus funcionários tiveram que controlar alguns compradores chateados porque não havia outros quadros. — Aiden sorri para Katherina, que está com os olhos brilhando. — Suas irmãs tinham razão, seus quadros são um sucesso. E eu gostaria de continuar a vendê-los.

— Coltrane? — Katherina pergunta para o cunhado, que olha o envelope com o dinheiro.

— Vamos até o meu escritório, Lately.

Pedindo licença para as senhoras, ele acompanha o conde até o seu escritório. Depois de Benningfiel lhe servir um cálice de conhaque, ele se senta à sua frente.

— Ela é muito talentosa.

— Se acha isso vendo os quadros de agora, deveria ver os que ela pintou aos seis anos de idade. Katherina sempre possuiu o talento para a arte. Meu sogro a incentivava a pintar, em seus últimos dias me chamou em seu quarto e praticamente me obrigou a cuidar de suas filhas – como se eu já não fosse fazer isso –, mas também exigiu que eu permitisse que as meninas mantivessem seus sonhos e hobbies. Enquanto Katherina pinta lindamente, Hester possui uma voz de anjo ao cantar, já Pippa apesar de tão pouca idade pode entalhar em madeira o que ela quiser, meu sogro a ensinou quando ela era menor e, apesar de quase não se lembrar mais dos pais, o seu dom permanece. Como o chefe dessa família, Lately, quero que saiba que minha prioridade é o bem-estar de minhas cunhadas. Sei que elas vão se casar e seus maridos assumirão essa tarefa, mas até lá, sou eu quem decide.

— Eu jamais tentaria enganar, Katherina, tanto que juntamente com o dinheiro está a lista com os valores dos quadros vendidos, quanto foi a minha parte retirada e o total devido a ela. Se achar que os preços estipulados não foram justos, podemos entrar em um acordo nos próximos.

Benningfiel abre a lista e lê atentamente os valores, Lately tinha razão, ele especificara qual o quadro e quanto cobrara por eles. Os valores eram justos, ou talvez até maiores do que poderia ter imaginado.

— Qual foi a sua base para estipular o valor?

— Tamanho da tela e complexidade da pintura. As que possuíam mais cores e mais detalhes foram vendidas por um preço maior.

— Por mais que eu quisesse encontrar algo errado, tenho que concordar que foi justo nos valores. Esse dinheiro será guardado para que Katherina faça o que

bem entender com ele. Acredito que lhe será muito útil em alguns meses, assim que a temporada acabar. Ela poderá ter seu próprio sustento sem depender de ter que trabalhar como uma acompanhante como deseja.

— Acompanhante? E por que a cunhada de um conde iria querer trabalhar como acompanhante? — Lately pergunta indignado e teme ter passado dos limites quando Benningfiel fecha a cara.

— O senhor deve ter ouvido sobre as fofocas que correm por Londres a respeito de minha cunhada.

— Que ela é amaldiçoada? — Lately dá uma risada seca. — Me desculpe, mas acho tudo isso uma grande baboseira.

— Concorro com você. Mas essa baboseira tem influenciado a vida de Katherina; como deve imaginar, as matronas não permitem que seus filhos a cortejem, ela nem ao menos recebe um convite para dançar. O seu foi o único. Katherina acredita que jamais se casará, e está determinada a não viver sob minha proteção para o resto da vida. Então está decidida que se não se casar nessa temporada, irá procurar uma vaga de acompanhante ou preceptora, assim poderá se sustentar. Agora que seus quadros finalmente estão à venda, poderá se sustentar sozinha e fazer a única coisa que realmente ama: pintar.

— Justamente por coisas assim que dou graças a Deus por não ser um nobre. Não é preciso dar satisfação da minha vida para a alta sociedade. Uma moça tão bela e cheia de vida, não deveria ser rotulada por um infortúnio que aconteceu anos atrás.

— Infelizmente é o mundo em que ela nasceu e cresceu. Enquanto as pessoas não a verem como mais do que apenas as mortes de seus noivos, ela jamais será completamente feliz. Por isso, Lately, estarei de olho em tudo o que se relaciona a venda dessas telas. Vou proteger Katherina o máximo que for possível, se ela realmente desistir de encontrar um marido e quiser morar sozinha, vou continuar olhando por ela.

— Não espero menos de você.

— Vou pedir para que os meus advogados redijam um contrato de parceria entre vocês dois. Assim que estiver tudo pronto mando chamá-lo.

— Obrigado, agora se me dá licença, tenho alguns quadros para pegar.



— Juro que não consigo acreditar que venderam tão rápido — Katherina diz andando lentamente ao seu lado tentando não forçar o tornozelo machucado.

— Eu imaginava. — Ele sorri e abre a porta que ela indica.

O quarto que ela e suas irmãs chamavam de quarto de pinturas estava repleto de telas, nas paredes alguns estavam pendurados, outros no chão separados pelo que ele imaginava ser por tipo.

— Parece uma loucura, não é? — Katherina se senta em uma poltrona no centro do quarto e olha em volta sem graça. — Por incrível que pareça existe um padrão nessa bagunça.

— Percebi assim que entrei — Ele vai para uma fila de quadros e rapidamente entende o padrão, ela separava por paisagem, animais, flores. Cada tela agrupada por tipo. — Esses na parede são lindos — diz notando que o quadro do dia anterior, que ela se recusara a vender, estava pendurado.

— Ontem minhas irmãs e eu viemos para o quarto e separamos tudo. Os que estão pendurados nas paredes não estão à venda. Então pode escolher o que quiser dos que estão no chão, menos os que estão na parede oposta, eles não secaram ainda, acredito que na semana que vem ou na outra já estejam prontos para venda.

— Senhorita Threston, é um crime que esses quadros estejam nesse quarto. Eles deveriam estar expostos em alguma galeria.

— Nunca tive intenção de vendê-los. Alguns dou de presente, outros Cornélia escolhe para enfeitar a casa. Meus quadros variam muito de acordo com o meu humor, se estou estressada ou chateada venho para cá e fico horas pintando até me acalmar, mas também quando estou tão feliz acabo pintando também.

— Eu diria que os com cores escuras e um pouco mais sombrios são pintados quando seu humor não está bom?

— Exato. — Ela sorri e arregala os olhos quando ele se senta ao seu lado. Os dois estavam sozinhos, mesmo que a porta do quarto estivesse aberta, não era de bom tom que ficassem tão próximos.

— Posso ter a ousadia de perguntar o que aquele quadro significa e por que não está à venda? — Ele aponta para o quadro da árvore pegando fogo ao ser atingida por um raio.

— Minha irmã perguntou a mesma coisa ontem e nem mesmo para ela, a quem confio todos os meus segredos contei, o que o leva acreditar que contaria para o senhor?

— Não custava nada tentar. — Ele pisca para ela e se levanta separando alguns quadros. — Vou arrumar a loja para que tenha uma seção apenas para os quadros, assim podemos levar mais deles para lá. Se eles venderem tão rápido quanto ontem, em duas semanas esse quarto estará vazio.

— Impossível, Sr. Lavery, aproveitamos a arrumação de ontem para contar. São 487 quadros disponíveis para venda. — Ela ri gesticulando para o grande quarto.

Coltrane o reformara para que fosse o lugar de pintura exclusivo de Katherina, os únicos móveis eram a poltrona de dois lugares, uma cadeira em frente ao cavalete onde apoiava suas telas, uma mesinha lateral para apoio das tintas, um armário onde guardava os vidros de tintas e uma mesa de preparação para as telas. Fora isso ele era disposto com as filas e filas de quadros.

— Acredito, Srta. Threston, que sua presença em minha loja será necessária, assim que ver com seus próprios olhos que houve briga pelos quadros, concordará comigo que são poucos.

— Vamos pedir para que tragam os que estão em Hampshire — Cornélia diz ao entrar no quarto e se sentar ao lado de Katherina. — Coltrane já enviou um mensageiro, os empregados irão armazenar corretamente os quadros e os enviar para cá.

— Vocês três estão loucos — Katherina ri balançando a cabeça e se levanta; ao lado da janela, ela procura por um quadro específico e entrega para Lavery. — Esse é o meu presente para o senhor, por acreditar em mim e estar disposto a vender minhas telas.

Lavelly observa a tela, era o contorno de alguns prédios, com um pôr do sol praticamente se findando, dando lugar à noite. Leva alguns segundos para que ele perceba que é a retratação do centro de Londres.

— Obrigado, esse quadro terá um lugar especial na minha casa.

Katherina lhe brinda com um lindo sorriso e Lavelly se pega imaginando o que mais poderia fazer para receber outros sorrisos como aquele.



Ao voltar para loja, Aiden solicita que seus funcionários preparem um setor especial para os quadros, eles seriam pendurados para ficar em exposição, enquanto isso seu gerente, com sua ajuda, estipularia o preço de cada um. Ao total trouxera vinte e seis quadros, incluindo as encomendas do dia anterior. Após conversar com seu gerente, Lavelly volta para o andar de baixo. Sua equipe decidira usar o lado direito da loja que ficava alguns itens de pesca, que poderiam ser redirecionados para outro local, para usarem o espaço, o lugar era perfeito, já que quem entrasse daria de frente com as telas.

— Fazendo mudanças? — Simon Halsey, duque de Wentworth, pergunta parando ao seu lado. Os dois acabaram se tornando amigos depois que Aiden conhecera Eleanor, sua esposa, um dia na loja, e descobrira que Simon, mesmo possuindo um título, ainda assim era rejeitado pela alta sociedade.

— Vamos abrir um setor novo na loja, descobri uma pintora que faz telas maravilhosas. Ontem trouxe algumas para um teste e venderam todas na mesma hora. O que devo a honra da sua visita?

— Eleanor pediu que eu viesse e trouxesse um convite.

— Vamos até a minha sala, assim podemos conversar.

Aiden sobe com Simon, durante o pequeno percurso é possível notar os olhares para o rosto do duque, ele sabe que provavelmente isso o incomoda, mas mesmo assim recebe cada olhar e cada sussurro em silêncio. O que Aiden não acreditava que pudesse aceitar tranquilamente.

— E então? Qual o convite? — Aiden se senta em sua cadeira atrás da mesa enquanto Simon parece concentrado na pintura do cavalo. — Essa é uma das pinturas da minha nova parceira de negócios.

— É impressionante, parece tão real.

— Precisa ver os outros quadros. Teremos vinte telas à venda no primeiro momento, enquanto ela separa as restantes.

— Vou trazer, Eleanor, para que possa escolher. — Simon se senta. — No próximo sábado daremos uma pequena festa em casa para comemorar o aniversário de onze anos do James. Devido a tudo que ele enfrentou nos últimos anos, Eleanor não quer deixar passar em branco. Ela pediu que eu o convidasse.

— Obrigado pelo convite, estarei lá.

— Se quiser levar alguém... — Simon diz e dá de ombros. — Ela disse que pode convidar uma acompanhante.

— Não tenho acompanhante, mas acredito que o ideal seria ter outras crianças na festa.

— Não conhecemos muitas.

Aiden olha para o quadro em sua parede e sorri.

— A pintora dos quadros tem uma irmã de quinze anos e um sobrinho pequeno. Posso convidá-los?

— Quem é essa pintora tão incrível que parece ter lhe conquistado? — Simon pergunta sarcástico, ele percebera que Aiden não parecia poupar elogios para a pintora.

— Lady Katherina Threston.

— A amaldiçoada?

— Ela não é amaldiçoada, não entendo como as pessoas tem coragem de chamar assim.

— Não sou alguém para julgar, mas já ouvi algumas histórias sobre ela. São inúmeras, até mesmo ouvi dizer que ela suga a alma dos noivos. — Aiden olha para Simon sem acreditar.

— Realmente falam isso?

— Falam. Mas acho que tudo não passe de exagero. Convide Lady Threston e a família. Eleanor quer a casa lotada e, como você sabe, não temos tantos amigos assim para convidar. Eles serão bem-vindos.

— Repassarei o convite. Precisam de alguma coisa da loja?

— Não, lady Georgianna está ajudando a arrumar tudo. Com ela e Eleanor cuidando da festa, tenho certeza de que não faltará nada. Só a sua presença será o suficiente.

— Agradeça a duquesa pelo convite — Aiden se despede de Simon e volta a sua mesa para trabalhar.

No final do dia, por mais que quisesse fazer uma visita para Katherina e contar sobre as novas vendas, Aiden sabia que provavelmente não seria bem recebido, já que seria a terceira visita em três dias. Benningfiel provavelmente o expulsaria de lá, já que para a aristocracia, as aparências e regras de etiqueta eram tudo.

Então ele caminha até sua casa, um sobrado a dois quarteirões de distância de sua loja. Quando conseguira dinheiro suficiente, ou poderia dizer, mais do que suficiente, comprara a casa que sempre desejara desde que abriu a Lavelly's.

Ao entrar em casa, sua criada o recebe avisando que o jantar em breve seria servido, ele agradece e vai para a sala se servir de uma taça de conhaque. Os momentos em que chegava em uma casa vazia, sem ninguém o esperando passara a incomodar. Desejava uma mulher, alguém com quem dividir tudo o que conquistou no decorrer dos anos.

Mas não era fácil para alguém, ainda mais depois de passar a desejar justamente a única que não poderia querer. Katherina era filha de um nobre, pertencia a aristocracia, jamais se casaria com um homem sem berço. Alguém que trabalhou desde os nove anos para não morrer de fome.

Aiden caminha até o centro da sala e olha para a cornija da lareira, onde um dos quadros de Katherina estava pendurado. Ele não resistira a comprar a tela onde o perfil de uma bela jovem estava sombreado; no momento em que colocara os olhos na imagem reconhecera Katherina. Ela desenhara o próprio rosto, era um pouco mais jovem que da atualidade, mas ainda assim ele a reconheceria.

Ele reconheceria Katherina de qualquer forma que estivesse.



— Parece tudo uma loucura, meus quadros em uma grande loja sendo vendidos e as pessoas realmente comprando — Katherina diz durante o jantar e recebe um sorriso de sua irmã mais velha.

— E por que parece loucura? Você é talentosa, sempre dissemos isso. Fico feliz que finalmente alguém reconheceu seu talento e esteja disposto a mostrá-lo para o mundo. Se dependesse de você, os quadros ainda estariam escondidos.

— Porque eu não acredito que sejam tão bons assim. Tudo bem que alguns são lindos. O Sr. Lavely enviou uma mensagem, os quadros que levou hoje estão praticamente todos vendidos.

— Ele me enviou um relatório preliminar das vendas — Coltrane diz. — Você, minha querida cunhada, vai se tornar uma mulher muito rica. Diria que não vai precisar de minha ajuda futuramente como acreditava. Isso, é claro, se não se casar.

— Eu não vou me casar, Coltrane, você sabe disso. Que homem seria louco o suficiente para querer se comprometer comigo? Seria o mesmo que arriscar a própria cabeça.

— Não fale bobagens! — Cornélia briga. — Você é uma jovem linda, prendada, educada, é claro que vai se casar.

— Não se esqueça de que sou amaldiçoada.

— Não é maldição, você apenas é azarada — Hester diz fazendo todos à mesa rirem. — Ainda acho que a morte de Carter não foi uma maldição.

— Os cavalos dispararam em uma corrida ensandecida, destruindo a carruagem que ele estava no caminho. O pai de Carter disse que quase não pôde reconhecer o próprio filho. Você consideraria a morte dele como o quê então?

— Qualquer coisa, menos maldição. Eu não acredito nessas coisas. Daqui a pouco vai dizer que gato preto realmente dá azar.

— Eu acho que é apenas o destino tentando dizer que você ainda não encontrou o seu príncipe encantado — Pippa diz entrando na conversa. Em outras famílias, a jovem menina jantaria sozinha, mas Coltrane exigira que ela sempre fizesse as refeições com eles.

— Então, segundo o seu entendimento, meus noivos morrem porque não são o homem certo? — Katherina pergunta para a irmã mais nova, que concorda.

— Quando encontrar o certo, ele não vai morrer.

— Enquanto isso os errados morrem. Não, muito obrigado, acho que vou desistir de encontrar alguém para me casar. Não vou arriscar a vida de mais nenhum pobre coitado.

— Falando em pobre coitado... adivinha quem me procurou na saída do parlamento? — Coltrane diz meio contrariado.

— Pela sua cara, meu marido, foi alguém indesejado.

— Lorcan.

— O que ele queria com você? — Cornélia pergunta confusa, refletindo o pensamento de Katherina.

— Pedir autorização para cortejar Katherina.

— Você é claro, não deu — Cornélia diz nervosa.

— Respondi apenas que iria falar com Kathy, se você quiser eu autorizo a corte.

— Como eu disse, não tenho interesse em me casar. Além do mais, Carter e Lorcan não eram amigos. Não vou manchar a memória dele casando com seu primo.

— Ele não é atual herdeiro do conde Eglington? — Hester pergunta para Katherina.

— Sim, com a morte de Carter se tornou o herdeiro. Henrietta disse que ele tem sido um bom rapaz os ajudando nesse período de luto. Mas ainda assim não quero me comprometer a ele. Carter não o suportava, e acredito que por uma boa razão.

— Se essa for sua vontade, então direi a Lorcan que não tem minha permissão para cortejá-la.

— Obrigada, eu realmente não desejo vê-lo em nossa sala de visitas se passando por um bom homem. Principalmente fingir que estou interessada em seus galanteios.



Após o jantar, Katherina sobe para o seu quarto de pinturas, sentia as mãos coçando com vontade começar um novo quadro. Apesar de não entender como as pessoas estavam tão interessadas em suas telas, lá no fundo ficava contente por alguém admirá-las. Tudo se devia ao Sr. Lavelly, que insistira tanto em vendê-las.

Sentando-se em seu banco em frente a tela, pega um pedaço de carvão e deixa sua mão correr pela tela branca. Era poucas as vezes em que se sentara com um desenho em mente. Os traços firmes começam a aparecer, o tempo praticamente voa. Katherina sempre se perdia quando começava a desenhar, esquecia a hora, o tempo parecia não existir.

Ao deixar o carvão de lado, ela olha para a imagem, o rosto que a encarava parecia ver profundamente sua alma, exigindo que contasse seus maiores segredos, suas angústias, seus sonhos, quase da mesma forma que o dono daquele rosto algumas vezes parecia fazer.

Katherina levanta a tela e com ela debaixo do braço vai para o seu quarto.

Se a deixasse na sala de pinturas, provavelmente uma de suas irmãs a veria, ou pior, o dono do rosto a encontraria. Abrindo seu armário, ela abre um espaço no fundo depositando a tela com cuidado. O certo seria atirá-la no fogo e permitir que se queimasse, não sendo assim mais nenhuma prova contra ela, mas não tinha coragem de fazer isso.

Fechando o armário, Katherina se troca rapidamente colocando uma camisola branca, e se deita em sua cama, ao fechar os olhos o rosto continuava em sua mente. Parecia que ele não queria abandoná-la nem mesmo em seus sonhos. Soltando um suspiro irritado, Katherina gira na cama algumas vezes tentando pegar no sono, mas parecia impossível, assim que começava a adormecer Aiden Lavelly aparecia em sua mente novamente, com os incríveis olhos azuis a sondando, exigindo que se abrisse, contasse seus maiores temores.

Desistindo de lutar, Katherina se entrega ao sonho com o homem que acreditara nela tão rapidamente, e que por algum motivo parecia insistir em não sair de sua cabeça.



Aiden sabia que o horário não era muito adequado para uma visita, era quase a hora do almoço e provavelmente não seria bem recebido. Mas estava ansioso para ver Katherina, não só por causa do convite que levava, Eleanor enviara e ele uma mensagem convidando a família de Katherina para o aniversário de James, bem como para falar sobre as telas.

Assim que é recebido por um mordomo com uma cara irritada por causa da hora, Aiden percebe que talvez não tenha tomado a melhor decisão.

— Senhor Lavelly? — Cornélia sai de uma sala lateral acompanhada das irmãs.

— Desculpa o horário, provavelmente estou atrapalhando a refeição, mas era necessário. Temo que minha loja possa sofrer um ataque se não levar novos quadros.

— Mas e os que levou da última vez? — Katherina pergunta sem acreditar.

— Todos vendidos. Os últimos venderam essa manhã. Algumas senhoras vieram para comprar e não encontraram nenhuma tela. Temi pela minha integridade ao descer até o andar principal. Assim que me viram houve reclamações.

— Eu disse que era um sucesso. — Hester sorri para Katherina.

— Acredito que seja necessário levar praticamente todos os selecionados

para venda, assim teremos alguns no estoque, e eu não precisarei atormentá-las mais — Aiden diz com um sorriso.

— Não é incômodo nenhum, ainda mais sendo por um bom motivo. — Cornélia estende a mão para ele e o direciona para a sala de jantar. — Por favor, almoce conosco e depois meus criados o ajudarão com o transporte dos quadros.

— Será uma honra. — Aiden faz uma mesura para Cornélia.

Aiden não poderia negar que o almoço estava maravilhoso, a cozinheira da mansão Benningfiel era talentosa. Assim que os pratos começaram a serem servidos, Coltrane chegou para o almoço e estranhou a presença de Aiden à mesa, que rapidamente é justificada por Katherine.

— Já ia me esquecendo — Aiden retira um pequeno envelope e estende para Coltrane. — A duquesa de Wentworth, pediu que eu trouxesse esse convite. Seu irmão, o conde de Greenwood, comemorará seu aniversário nesse fim de semana.

— Ela está nos convidando? — Cornélia pergunta sem acreditar.

— Ela estende o convite para Pippa e nosso filho. — Coltrane lê a carta. — O por que desse convite? Não temos qualquer amizade com eles.

— Acredito que saibam da história da família Bartlett, eles querem comemorar o aniversário do jovem conde e, como não possuem muitos amigos, estão convidando as pessoas por quem possuem certo apreço, suas irmãs causaram uma boa impressão na duquesa — Aiden diz a Cornélia. — E também gostariam de ter algumas crianças na festa, já que James vai fazer onze anos.

— Vamos, por favor, Cornélia — Pippa pede juntando as mãos e implorando. — É uma festa na casa de um duque e eu fui convidada.

— O que você acha? — Cornélia pergunta para o marido, que olha para Katherine e Hester.

— Uma amizade com uma duquesa vai favorecer as meninas.

— Não quero ser amiga dela por interesse — Katherine balança a cabeça.

— Não seria um interesse. Apenas o fato de serem amigas farão com que as olhem diferente. Envie uma mensagem para a duquesa aceitando o convite — Coltrane diz a esposa.

— O que vamos levar de presente? — Hester pergunta animada.

— Wentworth disse que o garoto gosta de barcos. Acredito que seria um ótimo presente. Se quiserem, temos muitos itens na loja.

— Podemos acompanhar o Sr. Lavelly até a loja? — Hester pergunta para Coltrane.

— Posso ir junto? — Pippa se agita na cadeira.

— Peça para uma das criadas as acompanharem, assim você descansa um pouco. Tenho certeza que alguns minutos longe de suas irmãs serão restauradores.

— Meu cunhado, está insinuando que nós cansamos Cornélia? — Katherina pergunta levantando uma sobrancelha.

— Não, Kathy, eu estou afirmando.



Enquanto Aiden cuidava dos quadros que eram levados para uma sala particular no andar de cima, onde eles ficariam guardados, Katherina e as irmãs passeiam pela loja a procura de algum presente para James. Mesmo com o tornozelo ainda um pouco dolorido, Katherina conseguia andar devagar.

Enquanto alguns itens femininos atraíam a atenção das irmãs, ela realmente procurava algo para presentear o jovem conde.

— Hester — Katherina chama ao parar em frente a um balcão.

— Encontrou alguma coisa?

— Acho que o presente perfeito — Katherina aponta para uma pequena fantasia de capitão. Se James gostava de barcos, provavelmente adoraria o

presente.

Após comprar a roupa, as três decidem ir até o outro lado da loja para comprar algum doce na confeitaria.

— O que está acontecendo ali? — Pippa aponta para uma pequena multidão.

— Dez quadros foram colocados à mostra e já foram vendidos — Aiden diz parando ao lado delas.

— Estou ficando preocupada, Sr. Lately, acredito que esteja inventando tudo isso e que na verdade meus quadros estão escondidos em algum lugar ou queimados.

— E eu estaria depositando uma alta soma em uma conta aberta por seu cunhado a troco de quê?

— Eu tenho uma conta?

— Tem, um assistente dele me procurou há alguns minutos com os dados de uma conta onde devo depositar todo o valor dos quadros vendidos.

— Hester, isso quer dizer que Katherina está rica? — Pippa pergunta dando pulinhos.

— Acredito que sim, Pippa.

— Isso quer dizer que ela pode comprar um novo kit de entalhe para mim?

— Pippa...

— No primeiro andar, virando à esquerda tem um balcão com ferramentas, diga que eu a enviei — Aiden diz interrompendo Katherina. — Escolha o que quiser, será um presente meu. Lady Hester pode escolher algo também. Peguem algo para sua irmã, Lady Benningfiel, e claro seu sobrinho.

— Você não precisa — Katherina diz e tenta segurar as irmãs, que correm para escolher seus presentes.

— Tem razão, não preciso, mas insisto em presentear-las.

Aiden estende o braço para Katherina, que aceita e a leva até a pequena multidão, onde algumas mulheres discutiam com um de seus funcionários.

— Cheguei tarde? — Aiden sorri para Eleanor, que se aproxima com a irmã e a cunhada.

— Depende para o quê.

— Meu marido disse que eu deveria olhar alguns quadros que o senhor está vendendo. Mas não vejo nenhum a exposição.

— Tenho alguns em estoque, mas antes de qualquer coisa, deixe-me apresentar a talentosa pintora. — Aiden gesticula para Katherine, que cora.

— Simon comentou que era a senhorita que pintava os quadros. Ele viu um de perto e disse que tem um grande talento. Pinta apenas paisagens e animais?

— Não, pessoas também. — Katherina sorri.

— Você precisa vê-las para isso? — Eleanor pergunta e Aiden percebe um brilho passar por seus olhos.

— Não, se me descrever a pessoa enquanto desenho, acredito que possa chegar ao mais fiel possível, por quê?

Eleanor olha para a irmã e sorri.

— Meu irmão era muito pequeno quando meus pais faleceram, e não temos nenhuma pintura deles. Se eu os descrevesse, você os pintaria?

— É possível.

— Ah, Eleanor, será um presente maravilhoso para James. — Charlotte toca o braço da irmã.

— Quando podemos nos encontrar?

— Se quiser, pode ir até nossa casa amanhã para o chá da tarde, leve sua irmã e sua cunhada. Enquanto elas se divertem com minhas irmãs, eu faço seu

quadro.

— Muito obrigada, lady Katherina.

Aiden observa o rosto de Katherina, que adquirira um lindo tom rosado. Coltrane tinha razão ao dizer que uma amizade com a duquesa as favoreceria, mas ele estava presenciando uma amizade começar, sem qualquer tipo de interesse, e sabia que ela valeria muito mais.



— Sr. Lavery, o senhor tem uma visita — Baldrick, secretário particular de Aiden, o avisa abrindo caminho para o homem entrar.

— Osborne? — Aiden se levanta sorrindo e estica a mão para cumprimentar o homem.

Walden Osborne, visconde de Culbert, tinha tudo para ser um nobre enfadonho, que passa seus dias sem fazer nada ou simplesmente jogando dinheiro fora. Mas desde pequeno sentira que havia algo muito maior que poderia fazer de seu tempo. Então, enquanto seu irmão assumia sua herança e o título de conde, Walden fechou sociedade com um amigo de escola e fundaram os transportes Osborne & Hawley. Seus navios eram os responsáveis por trazerem mercadorias da Índia e outros países. Muitos dos produtos vendidos na Lavery's vinham em seus navios.

— Como está, Lavery?

— Como pode ver, sempre correndo.

— E fazendo dinheiro. Fiquei sabendo sobre o novo ramo de sua loja. Agora vende quadros? — Osborne pergunta achando graça.

— A pintora é talentosa, até mesmo você se encantaria por um de seus quadros. Mas me diga, o que devemos a honra da sua presença? Achei que jamais abandonasse Augustina.

Augustina era o nome dado ao navio em que Osborne viaja frequentemente. Era de conhecimento notório, que o homem preferia estar em alto-mar do que em terra firme.

— Meu querido irmão decidiu que minha presença no nascimento do seu quarto filho era necessária. Isso e o fato de que ele insiste que está na hora de que eu me case. Como se ele não tivesse filhos suficientes para sucedê-lo.

— Então foi obrigado a ficar em terra firme?

— Espero que por pouco tempo. Devo voltar ao alto-mar em breve. Faremos algumas viagens para o novo continente. A companhia está crescendo.

— Fico feliz por saber. Precisa de algo?

— Na verdade passei para chamá-lo para beber alguma coisa, antes que eu me apresente para o meu martírio.

Osborne se levanta e Lavelly o acompanha para um clube na mesma rua.

— Aproveitando que irá para o novo continente, vou fazer uma lista de algumas mercadorias que eu gostaria que trouxesse para mim.

— Entregue para o meu secretário e providenciaremos. Se tudo der certo, em duas semanas espero estar longe da Inglaterra.

— Ansioso para fugir de algo?

— Sabe como é, antigas amantes, moças desesperadas para casar. Nada disso faz muito meu estilo. Se souberem que estou aqui em plena temporada, serei arrastado para um salão de baile e obrigado a dançar diversas vezes com noivas em potencial. Não, muito obrigado, prefiro o mar.

— Um dia vai ter que se aquietar. Seria bom ter um herdeiro para cuidar da companhia um dia.

— Pensando em filhos, Lavelly?

— Se me perguntasse isso um tempo atrás daria a mesma resposta que a sua. Mas agora passo a desejar em encontrar alguém com quem eu possa dividir

meus dias. Seria bom ter alguém me esperando em casa, um filho que eu poderia contar para herdar meu império um dia. Deveria pensar nisso.

— Ainda estou muito novo para pensar em me amarrar.

— Vinte e oito anos é muito novo?

— Prefiro ter uma mulher em cada porto para me divertir, do que apenas uma presa a minha perna me matando de tédio.

— Nem todas são tediosas. — Lately ri e dá um gole em seu conhaque.

— Encontrou alguém, Lately? — Osborne o observa atentamente.

— Talvez. Não posso negar que uma certa jovem chamou minha atenção. Mas não é tão simples assim. Ela é de uma família nobre e eu sou apenas um plebeu que tem uma cabeça boa para negócios.

— Se ela pensa assim, deveria descartá-la.

— Não, duvido que ela pense assim. Mas é como a sociedade vai pensar.

— Lately, ouça as palavras de um nobre. Que a alta sociedade vá para os diabos. Se a moça realmente é tão importante assim e o vê mais do que apenas como um plebeu. Então raios, se case com a moça! — Osborne balança a cabeça. — Não acredito que eu, um solteiro convicto, um libertino notório, esteja incentivando um velho amigo a se casar.

— Talvez devesse ouvir o próprio conselho.

— Talvez, mas meus ouvidos estão surdos, passei tempo demais no mar — Osborne brinca. — Mas me diz, eu conheço a moça?

— Lady Katherina Threston.

— Threston? Esse nome não me é estranho. — Osborne pensa por um tempo e arregala os olhos. — Você deve estar louco. Até mesmo eu que não passo tanto tempo em Londres sei sobre a noiva amaldiçoada. Está procurando a morte, meu amigo?

— Tudo isso não passa de uma fantasia, nenhuma mulher é amaldiçoada, principalmente lady Katherina.

— Eu tomaria cuidado com o que deseja, Lately. Ela já matou dois noivos. Não gostaria de ser o terceiro.

Lately revira os olhos para as brincadeiras do amigo e termina sua bebida. Achava um absurdo que as pessoas considerassem Katherina como amaldiçoada, uma jovem tão bela, com uma alma tão pura, não era uma assassina e principalmente não tinha algum feitiço amarrado ao seu corpo. As mortes de seus noivos eram apenas coincidências.

Para Lately, é um absurdo que alguém realmente acreditasse que se tornar noivo de Katherina seria uma sentença de morte. Para ele, se tivesse a oportunidade de colocar um anel em seu dedo e transformá-la em sua esposa, seria a maior sorte de sua vida.



— Ainda não acredito que vamos receber uma duquesa para o chá — Cornélia diz esfregando a barriga distraidamente. — Quando pensamos que uma amizade com ela seria vantajosa não imaginava que seria tão rápido.

— Senhor Lavelly disse a ela que sou eu que faço os quadros, e ela pediu para que fizesse um em especial para o irmão dela — Katherina explica. — Mas não tenho interesse em ter vantagens em uma amizade.

— Eu também não, querida. Mas para a sua situação atual, será importante.

— Minha situação atual? — Katherina pergunta sem entender.

— A maldição — Pippa responde recebendo um olhar feio da irmã mais velha.

— Lady Benningfiel, a duquesa chegou — a governanta informa.

Com a ajuda de Hester e Katherina, Cornélia se levanta para receber as visitas.

— Vossa Graça. — Elas fazem uma mesura para Eleanor.

— Obrigada por nos receber. Essas são Charlotte e Dayse, minha irmã e cunhada.

— É um prazer recebê-las, pedi que servissem o chá aqui, a sala é mais

aconchegante. — Cornélia se senta novamente, ela estava sem graça, já que era a primeira vez que recebia alguém tão importante.

— Por favor, não precisa se preocupar com regras e etiquetas. Apesar do título sou apenas uma mulher como vocês. E confesso que já estou cansada de tantas formalidades nas festas.

— Imagino, assim que me casei levou um tempo para me acostumar com a forma que era tratada. Apesar de família nobre, passei de um dia para o outro a ser uma condessa.

O chá é servido e, enquanto Cornélia e Eleanor conversavam sobre as festas e sobre gravidez, já que as duas estavam esperando um filho, as moças mais jovens se divertiam sobre as histórias que Katherina e Hester contava sobre os bailes.

— Ano que vem terei muito trabalho. — Eleanor aponta para onde as jovens estão rindo.

— Como eu estou tendo esse ano. Minha maior preocupação é que falta pouco para o bebê nascer e, segundo as regras de etiquetas da sociedade, não devo mais aparecer em público. Não sei o que será das minhas irmãs sem acompanhante. Temo que talvez tenham que se retirar das atividades.

— Se não se importar, posso acompanhá-las. Não tenho tanta experiência claro, mas não deve ser tão difícil.

— Na verdade, as duas não dão trabalho algum, ainda mais sendo evitadas por todos os homens. Minha maior dificuldade é convencer Kathy que não existe essa história de maldição.

— Então não se preocupe, serei a acompanhante delas pelo resto da temporada. Lady Georgianna vai me ajudar, tenho certeza que nós duas daremos conta de duas jovens.

— Obrigada. Ontem mesmo estava conversando com Coltrane, estava angustiada em pensar em retirá-las da temporada. Ainda mais Kathy que ficou três anos escondida em casa. Não sei como agradecer.

— Pode me agradecer ajudando ano que vem com aquelas duas. — Ela

aponta para a irmã e a cunhada.

— De acordo — Cornélia concorda com um sorriso.

— Podemos começar? — Katherina pergunta apontando para o cavalete que fora trazido para a sala.

Eleanor se senta ao lado dela e começa a descrever o rosto dos pais. Ela e Charlotte passaram a noite conversando, tentando se lembrar de como eles pareciam. Katherina trocara a tela algumas vezes, quando algo não parecia certo, mas ao finalizar o último traço, sente que a duquesa ao seu lado está emocionada.

— Charlotte — Eleanor chama baixinho, a irmã se aproxima e a abraça.

— Está tudo bem, Vossa Graça? — Katherina pergunta preocupada, todas na sala ficam em silêncio as observando.

— Você tem alguma noção, lady Katherina, do dom que possui em suas mãos? — Eleanor toca o braço de Katherina gentilmente. — Você conseguiu retratar meus pais, por três anos não vi os seus rostos. Não percebi que começava a me esquecer.

— Ela era linda. — Charlotte encosta a cabeça na da irmã.

— Eu vou pintar ainda hoje e deixar secar, tenho certeza que no final de semana já estará pronto.

A porta da sala de visitas se abre permitindo que Coltrane entre acompanhado de Simon, que cumprimenta Cornélia, os olhos dele vagam pela sala até encontrar a esposa; ao notar seu semblante emocionado, aproxima-se rapidamente.

— O que houve? — ele pergunta para Charlotte percebendo que a cunhada também está emocionada.

— São meus pais, Simon. — Eleanor aponta para o quadro.

Simon observa o quadro atentamente e passa o braço envolvendo a esposa e a cunhada.

— Obrigado, Srta. Threston, tenho certeza que será um presente precioso para James.

— Não fiz nada de mais — ela responde sem graça. Simon retira uma bolsinha de dinheiro e entrega para ela. — Tem muito mais do que vale essa tela, não posso aceitar, Vossa Graça.

— Você retratou os pais de minha esposa, pela forma com que ela e minha cunhada estão, tenho certeza que foi bastante fiel. Nenhum dinheiro do mundo pode pagar o que a senhorita fez. Além do mais, gostaria que fizesse outros dois quadros, um para Eleanor e um para Charlotte se for possível.

— Obrigada, Simon. — Charlotte abraça o cunhado.

— Eu farei com o maior prazer.

— Como soube que eu estava aqui ainda? — Eleanor pergunta.

— Benningfiel me trouxe, imaginávamos que não teria sido rápido a visita. Apenas dei sorte. — Ele dá de ombros e ajuda a esposa se levantar.

— Coltrane, a duquesa se ofereceu para ajudar Katherina e Hester, já que estou indisposta para acompanhá-las aos bailes.

— Muito obrigado, Vossa Graça. — Coltrane levanta a mão de Eleanor aos lábios.

— Imagine, não é como se eu não fosse ganhar nada em troca. Ano que vem Lady Benningfiel irá me ajudar com aquelas duas. — Ela aponta para Charlotte e Dayse.

— Tenho certeza de que não será um problema para Cornélia. Dayse se parece como ela, sendo assim, no momento em que colocar os pés no primeiro salão de baile conquistará um conde — Katherina brinca.

— Eu não conquistei um conde assim que entrei em um salão.

— Tem razão, querida, fui conquistado assim que a vi descer da carruagem. — Coltrane sorri para a esposa.

— Nossa mãe estava tão animada, que nem ao menos brigou quando encontrou Hester e eu acordadas esperando para saber como foi o primeiro baile de Cornélia.

— Ela falava sem parar como Cornélia conquistara a atenção do solteiro mais cobiçado de Londres. E como as matronas estavam irritadas porque uma juvenzinha conseguira em pouco tempo o que tentavam há anos — Hester complementa.

— No dia seguinte, nosso pai só reclamava que não dormira nada à noite, porque nossa mãe não parava de falar sobre o conde Benningfiel.

— Meninas! — Cornélia tenta brigar com elas, mas o sorriso acaba a traindo.

— Estamos apenas falando a verdade — Katherina ri.

— Creio que o problema não será Dayse, mas sim eu. Não sou em nada parecida com ela. — Charlotte faz uma careta e recebe um abraço de Dayse.

— Não se preocupe, Lady Bartlett, tenho certeza de que conquistará muitos corações — Cornélia tenta tranquilizá-la.

— Bom, meninas, está na hora de irmos — Eleanor diz. — Muito obrigada por nos receber. Vocês foram convidadas para o baile na casa da condessa de Eglington?

— Sim — Cornélia responde e olha para Katherina. — Mas não sabemos ainda se elas irão.

— A condessa seria minha sogra — Katherina explica.

— Acredito então que deva ir. — Eleanor a pega pela mão. — Será um baile em um local conhecido, a anfitriã é alguém que suponho goste de você?

— Sim, nos tornamos amigas, eu teria muita sorte em tê-la como minha sogra.

— Então, querida, arrume seu melhor vestido. Eu a acompanharei a esse baile, você e lady Hester irão se divertir bastante. Não se importe mais com o

que a alta sociedade diz. Se fôssemos dar importância a tudo jamais seríamos felizes. Eu mesma se fosse escutá-los, jamais me casaria com Simon, e não seria tão feliz quanto sou agora.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Nos encontramos no baile ou prefere que venhamos buscá-la?

— Eu as acompanharei até o baile — Coltrane responde.

— Está bem, então nos vemos lá.

Katherina se senta ao lado de Cornélia assim que as visitas vão embora e solta um suspiro.

— Ela será uma ótima madrinha para vocês duas.

— O que adianta ter uma duquesa como uma madrinha, se ficaremos sentadas com as solteironas por toda a noite? — Katherina pergunta.

Antes que Cornélia possa responder, Katherina se levanta e pega o quadro indo para seu quarto te pinturas, passaria a noite colorindo a tela, assim quem sabe se acalmaria um pouco. Ver a emoção da duquesa e a irmã ao verem o rosto dos pais a emocionara, ela mesmo se esforçava para lembrar do rosto da mãe.

Em momentos como aquele sentia muita falta da mulher sábia que se sentava com ela e lhe dava conselhos. Se sua mãe estivesse ali, provavelmente teria algo a dizer sobre essa loucura toda de Cornélia e Coltrane em tentar casá-la.



Sair correndo de um lugar nunca pareceu tão tentador para Katherina quanto naquele momento. O salão de bailes de lady Henrietta, a condessa de Eglington, estava praticamente lotado. Jovens com idades para se casarem, matronas à espreita de qualquer homem solteiro, mas o principal, dezenas de pessoas a olhando e comentando sobre o fato dela estar ali.

Quando seu noivado com Carter fora anunciado, ele foi recebido com algumas felicitações e alguns comentários desdenhosos. Na época, ela não poderia se importar menos, estava encantada pelo noivo. Além de gentil e muito educado, Carter tinha o dom de fazê-la rir; se tivesse que ser honesta, teria que confessar que não o amava realmente, mas a amizade criada entre eles era forte o suficiente para que tivessem um casamento feliz, e sabia que o amor viria com o tempo.

A morte prematura de Carter levava com ele para o túmulo os sonhos de ter uma família, ter alguém com quem conversar à noite, alguém para dividir seus dias. Carter e ela eram muito parecidos em vários assuntos, ele fora não só uma boa escolha, mas também uma sábia decisão. As pessoas passando por ela no salão de baile, sussurrando só fazia com que se lembrasse de tudo o que perdera.

— Se não quiser ficar a noite toda me avise, e iremos embora na mesma hora — Coltrane diz entregando um copo com refresco para Katherina, que sorri agradecida para o cunhado.

— Obrigada, vou tentar aguentar por um tempo, você viu como lady Henrietta e lorde Fergus pareceram felizes em me ver.

— Eles já a consideravam como uma filha. O carinho por você não morreu.

— Eu sei — Katherina diz e se inclina em uma mesura para Eleanor e Simon que se aproximam.

— Vocês estão lindas. — Eleanor abraça Hester e Katherina.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Bom, já que estão acompanhadas para a noite, vou levar Wentworth para beber alguma coisa.

— Eu agradeço. — Simon dá um beijo nos cabelos de Eleanor e se afasta com Coltrane.

— Como estão seus cartões de dança?

— Vazios como sempre — Hester responde com uma risada para Eleanor.

— Precisamos mudar essa questão então. — Eleanor gesticula para que elas as acompanhe. — Riley? — ela chama o noivo de sua amiga assim que se aproximam.

— O que posso lhe ajudar, lady Eleanor? — ele pergunta dando um leve beijo em sua mão. Hester e Katherina olham curiosas para o tratamento dele tão íntimo para uma duquesa.

— Riley é noivo de minha melhor amiga, é um dos poucos que aceitou me tratar como uma pessoa e não só como uma duquesa — ela explica para as moças. — Riley, preciso que tire lady Katherina e lady Hester para dançar. Seus cartões de dança estão vazios e isso não pode acontecer.

— Será um prazer.

— Vossa Graça...

— Você pode me chamar de lady Eleanor, afinal de contas sou madrinha de vocês nessa temporada — Eleanor interrompe Katherina.

— Lady Eleanor, não é necessário que ele nos tire para dançar.

— Alguém precisa fazer, querida, ou então ficarão sentadas em um canto do salão a noite toda.

— Não será nenhum incômodo. — Riley estende a mão para anotar seu nome nos cartões de dança. — Acredito que as próximas músicas dançarão com um duque? — Ele olha para Eleanor, que concorda.

— Simon também dançará com elas. Vocês precisam ser notadas e vou garantir que isso aconteça.

Com a ajuda de Scarlett e lady Georgianna, Katherina e Hester passeiam pelo salão de baile cumprimentando algumas pessoas, apesar dos olhares recriminadores, são bem tratadas ao descobrirem que uma duquesa as acompanhava.

— Queria que Cornélia pudesse ver essa noite — Hester diz com brilho nos olhos. — Falamos com praticamente todos os convidados. E recebi três convites para dançar, além é claro dos parceiros que lady Eleanor escolheu.

— Não demorará muito para que todas as noites receba convites — Eleanor diz, seu olhar vai para Katherina, que treme levemente ao seu lado. — O que houve?

— Aquele é lorde Lorcan, ele se tornou herdeiro de lorde Fergus com a morte de meu noivo. Ele procurou por meu cunhado pedindo autorização para me cortejar.

— Imagino que isso não é uma boa coisa.

— Carter não o suportava, não sei ao certo o que houve entre eles, mas havia um motivo muito forte para isso.

— Lady Katherina — Lorcan diz se aproximando e pegando as mãos dela para beijar. — Quando soube que estava presente fiquei encantado. É bom vê-la novamente. Continua linda como sempre.

— Obrigada, lorde Lorcan, permita-me apresentar Lady Wentworth.

— Ah, é um prazer, Vossa Graça — ele diz rapidamente e gira novamente para Katherina.

— Me concederia a honra de dançar a valsa?

— Creio que não será possível — Eleanor diz recebendo um olhar ferino de Lorcan. — Sou a madrinha de lady Katherina e lady Hester pelo restante da temporada, e como bem sabe, lorde Lorcan, elas podem dançar apenas com meu consentimento, ainda mais uma valsa. Alguns instantes atrás permiti que ela aceitasse dançar a valsa com outro. Sinto muito.

— Eu sou o herdeiro do Condado de Eglington — ele diz estufando o peito.
— Quem poderia ser melhor do que eu?

A vontade de Katherina era de perguntar a mesma coisa, já que ela não fora convidada para a valsa por nenhum outro homem. Eleanor abre um sorriso e antes que ela possa responder, uma figura alta, vestido todo de preto para ao seu lado, sua altura marcando presença.

— Sr. Lavelly, que bom que o senhor chegou, estava explicando para lorde Lorcan que já autorizei que o senhor dançasse a valsa com lady Katherina.

— Obrigado por manter a minha vez — Lavelly agradece com uma mesura.
— A valsa já vai começar, podemos ir?

Eleanor concorda com a cabeça para Katherina, que toma os braços de Lavelly.

— Não me lembro de ter pedido permissão?

— Encontrei com lady Eleanor em minha loja hoje, ela perguntou se eu viria ao baile, quando soube que estaria presente requisitei a valsa e ela prontamente concordou.

— Por que iria pedir a valsa? Ainda mais com tanta antecedência? — Katherina apoia a mão sobre o ombro de Lavelly, que segura sua cintura com delicadeza, mas com muita firmeza ao mesmo tempo.

— Porque, lady Katherina, não poderia suportar vê-la valsar com outro homem que não fosse eu.



— Senhor Lately...

— Por que parece tão terrível assim que eu queira dançar com a senhorita?

— Talvez porque os homens prefiram contrair uma peste do que ficar ao meu lado?

— Creio que deve procurar homens melhores, uma peste nunca será melhor do que a senhorita. — Aiden sorri para Katherina a puxando um pouco mais para perto do seu corpo. — Eu a conheço, e sei o quanto sua companhia é agradável.

— Obrigada, mas ainda assim...

— Katherina — ele diz a interrompendo, falando seu nome com intimidade. — Esqueça qualquer tipo de comentário maldoso ou fofoca, pelo menos por agora.

Katherina acena levemente com a cabeça e se entrega a valsa, apesar de não ter nascido um nobre e treinado desde criança, Lately valsava maravilhosamente bem, seus passos eram firmes e determinados. Antes que possa perceber, a valsa termina e ela é levada de volta para a companhia de Eleanor.

— Obrigada pela valsa, Sr. Lately.

— Eu que agradeço. — Lately se afasta, as pessoas abrindo caminho para ele.

— Vocês ficam muito bem juntos — Eleanor diz.

— Não sei o que quer dizer, lady Eleanor.

— O fato dele ser um plebeu a incomoda?

— Não, mas deve se lembrar que não devo me comprometer com nenhum homem.

— Onde está essa determinação? Por acaso, seu cunhado decidiu que será uma solteirona?

— Não, mas como deve saber, qualquer homem que se comprometer comigo terá uma morte prematura. E não vou permitir que outro morra por minha causa.

— Isso é um absurdo, Katherina. Não deve acreditar nessas bobagens.

— Foram dois noivos e duas mortes. Agradeço o que pretende fazer por mim, mas peço que se concentre apenas em Hester, não irei me casar nessa temporada e nem na próxima. Não vou causar mais mortes.

Katherina se afasta de Eleanor em direção à cadeira das moças solteiras, ela se senta com as costas retas observando o salão. Dançar com Lately fora maravilhoso, um sonho. Mas não iria permitir que qualquer coisa fosse mais longe, ele era um parceiro de negócios, poderia arriscar até mesmo que era um bom amigo, e seria apenas isso.



Se não fosse o fato de ter prometido que iria ao aniversário do irmão de Eleanor, Katherina teria inventado uma forte dor de cabeça, ou uma indisposição. Mas prometera pessoalmente para a duquesa que iria, somente por isso estava na carruagem da família.

Devido à grande barriga de Cornélia, Elliot, seu sobrinho, estava em seu colo segurando um embrulho. O menino insistira que seria ele a entregar a fantasia de capitão, depois de horas de choro por querer uma igual, ele apenas se aquietou, quando Katherina prometera que iria comprar uma para ele na

segunda-feira.

— Sejam bem-vindos — o mordomo da Mansão Halsey diz assim que abre a porta para eles.

Katherina e a família entram em silêncio, até mesmo Elliot parecia impressionado com a mansão.

— Obrigada por terem vindo — Eleanor diz ao sair de uma sala com um garoto ao seu lado, após fazer as apresentações, Elliot entrega o embrulho de tão ansioso que estava.

— Minha tia vai me dar uma de presente — o pequeno diz enquanto o aniversariante abre o embrulho.

— Uma fantasia de capitão! — ele grita animado. — Olha, Eleanor, até tem uma espada.

— É muito linda. — A irmã sorri para ele e indica a sala. — Por favor, vamos entrar.

Devido a saúde do conde de Greenwood ainda estar frágil, a família optara por fazer apenas um lanche, por isso todos estavam na sala de família aproveitando alguns sanduíches e refrescos. Lately se aproxima para conversar com Katherina, que tenta ser o mais cordial possível, ao mesmo tempo que tenta afastá-lo. Ao perceber que não conseguiria conversar com ela, ele se afasta.

— Acredito que toda conversa ou tentativa de sermos educados, não signifique nada para um menino — Lately diz fazendo os adultos rirem. — Por isso, vou aproveitar para entregar meu presente. Pedi que meus funcionários cuidassem pessoalmente dessa encomenda. Como conde de Greenwood, acredito que deva ter essas coisas. — Ele entrega uma sacola para James, que solta um grito infantil animado, retirando uma cartola e uma pequena bengala.

— Olha, Simon, agora estou como você. — O menino coloca a cartola na cabeça e anda pela sala se apoiando na bengala.

— Você está muito nobre com essa cartola, James — Charlotte brinca com o irmão.

— Obrigado, Aiden, agora ninguém mais vai dizer que sou apenas um menino. — James o abraça pela cintura arrancando um sorriso de Aiden.

— De nada, Greenwood.

Os presentes começam a serem entregues, Katherina observa Pippa se levantar com o seu pacote, ela passara a semana inteira concentrada em um pedaço de madeira.

— Esse é o meu — ela diz baixinho e insegura. — Eu mesma fiz.

— Obrigado — James agradece e abre rapidamente o pacote revelando um barco de madeira. — Olha, um barco.

— Eu o testei, ele boia sem problema algum.

— Obrigado.

— Foi um presente precioso — Eleanor agradece e olha para Katherina, que gesticula para um criado que se aproxima com o quadro coberto por um lençol. — James, o presente a seguir é o meu e de Charlotte.

— Um lençol?

— Não, querido, o presente está embaixo dele.

James puxa o lenço revelando o quadro de seus pais, Katherina passara os seus dias cuidando de cada cor pintada, queria que o quadro refletisse a emoção que Eleanor e Charlotte tiveram ao ver os rabiscos com o carvão. A sala fica em silêncio, lady Georgianna enxuga algumas lágrimas com os olhos fixos na tela.

— Quem são? — James pergunta para Eleanor, que se abaixa ao lado dele.

— Nossos pais.

James olha o quadro por mais um tempo antes de abraçar sua irmã, seu pequeno corpo treme levemente enquanto ele chora baixinho.

— Não lembro deles.

— Não se preocupe, querido, Charlotte e eu contaremos tudo o que quiser

saber.

— Está bem. — Ele enxuga os olhos na manga da camisa.

— Bem, agora que todos os presentes já foram entregues, acredito que o meu e o de Dayse já possa entrar na sala — Simon diz gesticulando para a irmã, que corre para fora da sala sem se importar com o decoro.

— O que você comprou? — James pergunta.

— Feche os olhos e já vai descobrir.

James obedece ao cunhado, que sinaliza para que todos fiquem em silêncio, Katherina olha curiosa para a porta da sala por onde Dayse entra com um filhote de cachorro nos braços. A jovem o coloca aos pés do menino.

— Feliz aniversário, James — Dayse diz e o cachorro, como se quisesse participar da festa, solta um latido.

— Um cachorro. — James se senta no chão esquecendo do momento emotivo anterior e os convidados. Pippa e Elliot se juntam a ele enquanto tentam dar um nome para o filhote.

— Acredito que aquele seja um dos quadros mais belos que já pintou — Aiden diz se aproximando de Katherina, que dá um passo para trás se afastando.

— Obrigada.

— O que irá fazer amanhã?

— Por que a pergunta?

— Gostaria de levá-la juntamente com suas irmãs até a confeitaria.

— Eu...

— É apenas um passeio, e sua madrinha concordou.

— Você perguntou a lady Eleanor?

— Sim, e para minha sorte ela estava com lady Cornélia, que também deu

sua permissão. Então amanhã à tarde daremos um passeio.

— Sr. Lively, creio que não seja certo.

— Sua irmã e sua madrinha disseram que é uma ideia maravilhosa, passarei em sua casa amanhã à tarde.

— O senhor não sabe aceitar um não como resposta?

— Não, Katherina, não sei. — Ele sorri para ela e discretamente pisca um olho se afastando.

— Ele está te cortejando? — Hester sussurra ao seu ouvido.

— Não sei, mas se estiver, vou cortar suas intenções.

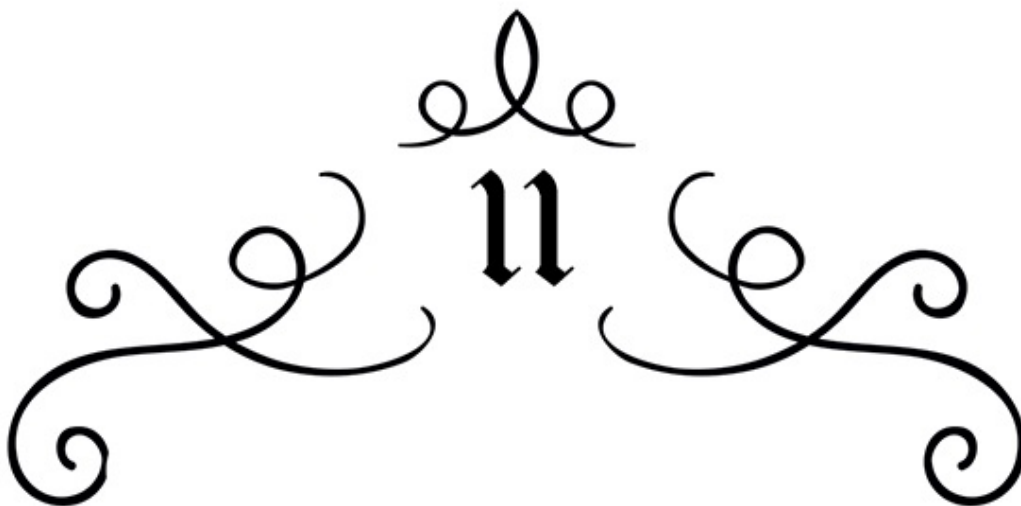
— Ele é um homem muito bonito.

— Ele será um homem muito bonito e morto se tentar alguma coisa comigo, Hester.

— Pare de besteira, Kathy, pela primeira vez nessa temporada alguém demonstrou interesse em você.

— Eu preferia que ele não demonstrasse. Não vou ser a culpada da morte do Sr. Lively.

Katherina vai para junto das crianças, enquanto estivesse com elas não teria que escutar besteiras, ao que parecia ela era a única naquela sala que parecia ter um pouco de juízo na cabeça.



No momento em que entrou na residência Benningfiel, Aiden teve a certeza que era esperado, mas não por Katherina. Ele segue o mordomo até o escritório do conde, que o espera.

— Benningfiel — Aiden o cumprimenta e se senta.

— Como não sou um homem de meias palavras, vou perguntar de uma vez, o que deseja com Katherina?

Aiden olha surpreso para o homem a sua frente.

— Nos tornamos parceiros...

— Não estou falando disso, estou falando do fato de que a convida para valsar, e está aqui com a intenção de um passeio. Você pretende cortejá-la?

— E se for essa a minha intenção?

Coltrane se levanta e caminha pelo escritório esfregando o rosto.

— Quando meu sogro morreu e assumi a responsabilidade por essas moças, passei a noite em claro. Foi pouco tempo depois do primeiro noivo de Kathy falecer. Quando houve a tragédia da morte do segundo, permiti que ela tivesse o seu tempo de luto e ficasse recolhida em casa. Mas não existe nada nesse mundo que eu queira mais do que vê-la casada e feliz.

— Está me avisando para que eu me afaste?

— Pelo contrário, estou dando a minha autorização para que a corteje. Como deve saber, não existe nenhum homem interessado em se tornar o marido dela. A sociedade londrina decidiu que Kathy é uma assassina de noivos e por isso todos fogem para o sentido contrário ao avistá-la. Você pode ser a última possibilidade de que ela se case. Apenas não será fácil. — Coltrane se senta e olha fixamente para Aiden. — Ela está decidida a não se casar, ouvi pela manhã quando ela e Cornélia discutiram.

— Ela teme que o próximo noivo morra também?

— Exato. E por isso está determinada a rejeitar todas as suas investidas.

— Ainda bem então que sou um homem teimoso. — Aiden se levanta. — Tenho sua permissão para fazer o que for preciso?

— Maldição. — Coltrane também se levanta e estende a mão para Aiden. — Vou negar até a morte que disse isso, mas se for preciso comprometê-la em frente a toda sociedade para que ela se case, faça isso. Você tem a minha permissão.

— Espero não ter que chegar a isso.

Aiden sai do escritório, ao voltar para o hall da casa escuta algumas conversas abafadas vindas do andar de cima, antes que uma menina desça as escadas saltitando.

— Posso ir à confeitaria também, Sr. Lavelly?

— Claro que pode, Pippa, meu convite foi para todas.

— A Kathy não quer ir, aí achei que desistiria de nos levar.

— Quem vai sair perdendo é ela então. — Aiden olha para o alto da escada onde Katherina o observa. — Boa tarde.

— O senhor não deveria estar aqui.

— Eu fiz um convite ontem à noite e estou aqui para levá-las em um

passeio.

— Eu estou pronta. — Hester desce as escadas de mãos dadas com Elliot.
— Ele está me implorando para ir junto.

— E por que ele não poderia? Tenho certeza que duas belas jovens podem me ajudar com uma criança.

— Hester. — Katherina desce apressada chamando a irmã.

— Kathy, se você não quer ir então fique em casa — Pippa responde seguindo o grupo para a carruagem.

Aiden ajuda Elliot e Pippa a subirem logo atrás de Hester. Tentando disfarçar um sorriso, ele estende a mão para Katherina, que a aceita irritada.

— Só vou porque essas duas não vão cuidar de Elliot.

— É claro.

O percurso até a confeitaria é feito rapidamente, então não demora para que todos estejam sentados com um pedaço de bolo.

— Eu amo bolo — Elliot diz alegre comendo seu pedaço.

— Fico feliz que ao menos um dos meus convidados esteja feliz pelo passeio.

— Eu também estou, Sr. Lavelly, Kathy que é uma chata.

— Pippa — Hester tenta calar a irmã caçula.

— Tenho meus motivos, Pippa.

— Seus motivos são bobos, qual o problema de comer um pedaço de bolo?

— O bolo não é o problema.

— Eu sou o problema então? — Aiden pergunta para Katherina, que desvia o olhar. — Já fui chamado de muitas coisas, até mesmo de problema, mas acredito, Katherina, que na verdade eu seja a solução.

— Solução do quê? — ela pergunta olhando fixamente dentro dos olhos dele.

— Para a sua maldição. — Ele sorri.

— Não, Sr. Lavelly, o senhor será nada menos do que apenas mais uma vítima.

— Não sabe que sou considerado o homem de mais sorte em toda Londres?

— Isso será suficiente para fugir da morte?

— Isso é mais do que suficiente, Katherina, para conseguir o que eu mais desejo nos últimos dias.

— E o que seria?

— Você.



Lavelly só poderia estar louco, era a única conclusão que Katherina poderia chegar, um homem em plena consciência jamais desejaria se casar com ela, sabendo de seu passado. O risco de morte era alto e por isso, se casar não era uma opção.

— O senhor anseia pela morte? — Katherina pergunta fazendo Lavelly sorrir.

— Não, e tenho certeza que não morrerei tão cedo, afinal de contas preciso ajudar Coltrane a casar Hester e Pippa.

— E por que iria ajudá-lo? Isso não é um trabalho para o senhor.

— Será, assim que nós dois nos casarmos.

— Não vamos nos casar, Sr. Lavelly. — Katherina se levanta indo em direção ao lado de fora da confeitaria.

— Temos um grande problema em nossas mãos — Lavelly diz parando ao lado de Katherina, que fecha os olhos tentando ignorar sua presença. — Desejo torná-la minha esposa, ao passo que a senhorita tenta me afastar. O que faremos?

— O senhor poderá encontrar outra moça para se casar. Ano que vem, as irmãs de lady Eleanor debutarão, elas são adoráveis. Ou então poderia se casar com Hester.

— E a senhorita ficaria feliz em me ver casado com uma delas? Tão próximo a você, cuidando e adorando outra mulher?

Katherina gira o corpo para dar as costas para Lately. Sendo franca, presenciar esses momentos a destruiria, por algum motivo não conseguia tirar Lately de sua cabeça, outros dois quadros com seu rosto se juntaram ao seu armário, escondidos atrás de diversos vestidos.

— Você estaria vivo, isso é a única coisa que importa.

— Não acredito em maldições, Katherina — ele diz usando apenas seu nome a fazendo estremecer.

— Carter também não, ele disse que a morte do meu primeiro noivo era apenas uma fatalidade, mas um dia antes de nosso casamento ele teve uma morte horrível. — Katherina olha para Lately por sobre o ombro. — Deveria me ouvir, Sr. Lately, não sou alguém com quem gostaria de se casar.

— Acredito que seja completamente o contrário, você é exatamente com quem quero me casar. Terá que se acostumar com minha presença, Coltrane deu a permissão para que eu a corteje e pretendo fazer exatamente isso.

— Ele não tinha o direito — Katherina tenta se controlar para não gritar no meio da rua. As pessoas que passavam por eles os olhavam com grande interesse.

— Como seu tutor, ele tem total direito. — Lately sorri.

Antes que Katherina possa responder, suas irmãs saem da confeitaria, Lately as convida para um passeio no Hyde Park.

— Eu vou para casa. — Katherina tenta se afastar, mas Lately toma seu braço a puxando para perto.

— A senhorita não deve andar por Londres sozinha, e uma vez que vamos ao parque deverá nos acompanhar.

— Lately...

— Aiden, me chame por Aiden, afinal de contas a estou cortejando.

— SÉRIO? — Hester solta um gritinho animado. — Parabéns, Kathy.

— Ele não está fazendo a corte, já disse que não vou permitir.

— Você é uma moça teimosa. — Lately começa a andar a obrigando a acompanhá-lo, como o parque não era longe poderiam caminhar até lá. — Mas sou ainda mais teimoso.

— Você deseja a morte por acaso? Porque é a única explicação para continuar com isso.

— Não vou morrer, Katherina, nós vamos nos casar e ter filhos, veremos nossos netos nascer e quando chegar a hora de partir, faremos isso juntos.

— Não vou me casar, Sr. Lately.

— Aiden — ele insiste em ser chamado pelo nome.

Katherina faz o caminho até o parque em silêncio, normalmente as pessoas da alta sociedade passeavam em suas carruagens abertas ou a cavalo. Tomando cuidado para que não se machucassem durante o passeio, Lately leva o grupo para um lado mais afastado do parque, onde normalmente eram realizados alguns piquenique.

— Senhor Lately. — Um rapaz se aproxima apontando para um lado onde uma grande toalha estava disposta sob uma árvore.

— Obrigado. — Lately retira uma bola de dentro de uma cesta e entrega para Elliot, que a chuta animado com Pippa e Hester o seguindo. — Aquilo é para você. — Ele aponta para um cavalete.

— O quê... — Katherina observa o pincel e tintas sobre uma mesinha.

— Achei que gostaria de pintar um pouco.

Sem conseguir resistir, Katherina se senta e traça levemente a tela, desenhando suas irmãs e sobrinho brincarem. Lately se apoia na árvore e a observa. O rosto dela se iluminava, enquanto seus olhos estavam concentrados na imagem à sua frente, a mão delicada traçava os riscos, dando forma a um lindo desenho.

— Vê-la desenhar provavelmente é uma das coisas mais calmantes que já fiz na minha vida — Lately diz e solta uma risada baixa ao vê-la se assustar. — Me desculpe pelo susto.

— Esqueci completamente que estava aí, estava tão silencioso.

— Vou providenciar o melhor quarto de minha casa para que seja seu quarto de pinturas.

— Não é necessário, não vamos nos casar, esqueceu?

— Como eu disse, Katherina, nosso casamento é algo certo, terá que se acostumar com a ideia.

Katherina se levanta largando o pincel que usava e olha para ele, era possível ver o quanto estava irritada.

— Não vou ser a causa de sua morte.

— Ninguém vai morrer, Katherina.

— É exatamente o que vai acontecer se insistir nessa ideia absurda.

Sem conseguir resistir a imagem a sua frente, Lately agarra Katherina girando os dois para que ela fique presa contra a árvore e o seu corpo.

— Nós vamos nos casar, Katherina, eu a desejo e sempre possuo o que mais quero.

— Me solte, Sr. Lately.

— Não. — Ele sorri e aproxima o seu rosto de encontro ao dela. — Acredito que seja necessário algum tipo de persuasão.

— E o que pretende? — ela pergunta ofegante, o corpo dele era quente de encontro ao seu.

Com um sorriso que faria qualquer mulher ceder aos seus desejos, Lately se aproxima ainda mais e a beija. Não era o primeiro beijo que Katherina recebia, ela e Carter se beijaram diversas vezes, mas Lately parecia consumi-la,

sua língua explorava a sua boca sem vergonha alguma. Uma das mãos de Lately desce por seu corpo agarrando sua cintura a trazendo para mais perto, como se isso fosse possível.

— Você será minha esposa, Katherina — Lately diz ao separar seus lábios do dela. — Nada me fará mudar de ideia.

Lately se afasta deixando que Katherina respire fundo e se recomponha, os lábios dela estavam inchados por causa do beijo, os olhos meios desfocados. Sem perceber que fazia isso, ela leva a mão até a boca, tocando seus lábios delicadamente.

— Isso é uma loucura — ela sussurra.

— Uma loucura certamente. — Ele sorri. — Mas que pretendo repeti-la novamente.



Após deixar Katherina e as irmãs em casa, Lavelly volta para a loja. Devido a sua vontade de convencê-la a se casar com ele, deixou muitas coisas de lado. Sua sorte é que seu secretário conseguia gerenciar tudo sem a sua presença. Ao entrar na Lavelly's, Aiden sente a presença de alguém ao seu lado, seus olhos correm pela loja e encontra a pessoa que o observa fixamente.

— Deseja alguma coisa? — Aiden pergunta para o homem, que se afasta da bancada em que estava.

— O que deseja se aproximando de Katherina? — Lorcan pergunta.

— Acredito que isso diga respeito apenas à família dela.

— Sou o herdeiro do Condado de Eglington, Katherina seria da família...

— Lady Katherina — Aiden diz, corrigindo o fato de que Lorcan a tratara com intimidade. — Não se esqueça da forma adequada a se referir a ela.

— Como eu dizia, Katherina seria da família e é minha obrigação velar por ela. Meu primo a amava e não vou permitir que um plebeu nascido nas docas se aproxime.

— Como o senhor bem disse, ela seria da família. Uma vez que seu noivo está morto e não se casaram, lady Katherina não faz parte da família Rodwell. E está disponível para se casar com quem bem entender.

— Katherina jamais se casará com um plebeu, seu cunhado jamais permitiria.

— Não é o que ele me disse ontem, quando me concedeu a permissão para cortejá-la. Ao contrário do que ele fez com o senhor acredito.

— Você está brincando com fogo, Lately, vou dizer isso apenas uma vez. Se afaste de Katherina. — Lorcan se aproxima praticamente se colando a Aiden.

— Digo o mesmo. Se afaste de minha noiva ou então sofrerá as consequências.

— Katherina jamais será sua noiva ou se casará com você. Guarde bem minhas palavras.

Lorcan sai da loja praticamente empurrando cada pessoa que entra em seu caminho. Aiden chama um dos funcionários e solicita que entreguem uma mensagem para Coltrane. Devido a sua origem, ele conhecia bem uma ameaça quando era verdadeira, Lorcan realmente não deixaria por isso mesmo. Vinte minutos depois, Benningfiel estava em sua sala, um olhar assassino em seu rosto.

— Ele parece determinado a se casar com Katherina, ele me procurou para pedir permissão para fazer a corte por duas vezes e eu rejeitei. Minha cunhada está determinada a não se casar, mas se por algum motivo decidisse pelo casamento, Lorcan seria o último. Ao que tudo indica, Carter e Lorcan não se entendiam e por respeito a memória do noivo, ela rejeita qualquer investida.

— Deixei claro que Katherina é minha noiva e que ele deve se afastar, mas não tenho tanta certeza que ele irá obedecer.

— Tome cuidado, Lately, se ele realmente for cumprir suas palavras, você poderia ser o terceiro noivo de Kathy morto. — Coltrane ri.

— Já disse que não tenho medo dessa maldição. Mas me preocupo com Katherina.

— Vou mantê-la segura. O ideal seria que ela se case de uma vez, assim Lorcan não a comprometeria, não que eu fosse permitir que ela se casasse com ele. Mesmo que sua reputação fique manchada perante a sociedade, eu a

acolheria com a honra destruída, mas não permitirei que se case com Lorcan.

— A parte difícil nessa situação seria convencê-la a se casar. Ainda mais com uma ameaça sobre a minha cabeça.

— Ignore esse fato e se concentre a se casar. — Coltrane se levanta de sua cadeira e ajeita o casaco. — Talvez a sugestão de comprometê-la seja a única forma. Faça isso antes que Lorcan tente alguma coisa.

— Ela jamais me perdoaria.

— Ela não vai se casar de livre e espontânea vontade — Coltrane diz e Aiden resmunga. Katherina não se casaria de boa vontade e provavelmente nem mesmo com a reputação comprometida.



— Acho melhor alguém chamar por Coltrane — Hester diz enxugando a testa de Cornélia, que estava em trabalho de parto.

— Já mandei alguém até o Parlamento, mas ele não estava lá — Katherina diz se aproximando com uma bacia de água. — No parto de Elliot, as coisas demoraram tanto, não entendo como já está em um estágio avançado.

— Nenhum nascimento é igual ao outro — a parteira explica. — Temo que não teremos tempo para o conde chegar, o bebê já está coroando.

— O que vamos fazer? — Cornélia pergunta angustiada.

— Você vai fazer força e dar à luz a um lindo bebê, Hester e eu a ajudaremos; e quando Coltrane chegar, eu o socarei por desaparecer — Katherina responde fazendo Cornélia sorrir.

— Obrigada.

— Está na hora de fazer força — a parteira pede e Cornélia empurra agradecida por finalmente fazer isso.

Alguns minutos se passam, que parecem mais uma eternidade, e um choro

alto enche o quarto.

— O que é? — Cornélia pergunta praticamente sem forças.

— Uma menina. — Katherina ri pegando o pequeno bebê e colocando nos braços da irmã. — Uma linda menina, como Coltrane queria.

— Ainda bem, porque essa será a última vez que terei um bebê.

Katherina sorri para Hester, que revira os olhos; no parto de Elliot, Cornélia garantira que ele seria filho único, e agora estavam ali novamente com um bebê recém-nascido.

— Como quiser, querida. — Katherina levanta o bebê em seus braços, permitindo que a parteira, Hester e a governanta arrumem Cornélia.

Enquanto a irmã é limpa e veste roupas frescas, Katherina observa o lindo rostinho da sobrinha, tudo o que ele sempre desejara foi um filho, Carter e ela costumavam brincar que teriam pelo menos três filhos. Era um sonho perdido agora, jamais seguraria seu próprio filho, não saberia como ele se pareceria, ela não se casaria. Todos os seus planos e sonhos estavam esquecidos, mas por alguma razão, lá no fundo de sua mente, imaginava como seria um filho seu e de Lately.



Lavelly era um homem com uma missão, depois de avisar seu secretário que se ausentaria pelo resto do dia, ele praticamente corre até a casa Halsey. Se havia alguém que poderia ajudá-lo a convencer Katherina de se casar era Eleanor. Após ser anunciado, ele entra na sala de visitas.

— Parece que algo o perturba — Eleanor diz assim que ele toma sua mão para um leve beijo.

— Necessito de sua ajuda — Aiden conta sua conversa com Lorcan e Coltrane para Eleanor. — Talvez você seja a única que possa convencê-la a se casar. Como sua madrinha para a temporada acredito que ela a escute.

— Temo que não seja tão fácil, nas poucas vezes que falamos sobre casamento, Katherina me pareceu determinada a permanecer solteira. Segundo ela, não quer carregar o fardo de mais uma morte.

— Você sabe que isso é tudo uma grande lorota, não sabe? Não existe maldição.

— Eu sei, mas depois de presenciar a morte de dois noivos, a confiança dela está abalada. Mas concordo que o único meio de mantê-la segura é a casando o mais rápido possível. Prometo que vou falar com ela.

— Faça isso o mais rápido possível. Infelizmente não sou alguém com influência na alta sociedade, então uma autorização para um casamento às pressas será praticamente impossível.

— Converse com Simon, ele está na biblioteca, o nosso casamento foi com uma licença especial. Como um duque, tenho certeza que ele conseguirá a autorização para você.

— Espero que sim. — Aiden se levanta esfregando o rosto. — Se Katherina não concordar com o casamento, terei que comprometê-la em frente a toda sociedade londrina, e não quero que seja assim, ela jamais me perdoaria.

— Vou agora mesmo visitá-la. Enquanto você e Simon vão atrás da licença, cuidarei de Katherina.



— Lady Eleanor? — Hester se surpreende ao sair da sala de visitas e encontrar a duquesa.

— Como vai, lady Hester?

— Estou bem, esquecemos de algum compromisso?

— Não, querida, estou aqui para uma visita apenas, gostaria de falar com Katherina.

— Ela está no quarto de pinturas — Hester diz e um pequeno choro chega ao andar de baixo. — Cornélia teve o bebê agora pela manhã — explica.

— Por Deus, então é um péssimo momento para uma visita — Eleanor resmunga. — Desculpe a intromissão, mas eu realmente preciso falar com Katherina, a felicidade dela depende disso.

— Então deve falar com ela — Coltrane diz descendo as escadas.

— Obrigada, lorde Benningfiel. Sei que o momento não é apropriado, mas meu marido e o Sr. Lavelly vão tentar uma licença especial, creio que sua presença seria um fator determinante para consegui-la.

— Vou encontrá-los agora mesmo. Hester, leve a duquesa para conversar com Katherina.

Acompanhando Hester ao andar de cima, Eleanor não consegue deixar de notar os diversos quadros espalhados pela casa, Katherina tinha um dom maravilhoso.

— Kathy, você tem visitas.

— Lady Eleanor? — Katherina se levanta de seu banquinho e limpa as mãos.

— Obrigada, Hester — Eleanor agradece e vai até o sofá dando uma batidinha para que Katherina se sente ao seu lado. — Estou aqui porque precisamos ter uma conversa séria.

— Eu fiz algo de errado? — Katherina pergunta notando que Hester as deixa sozinhas.

— Não. — Eleanor sorri com os seus olhos vagando pelo quarto. — Essas telas são lindas. — Ela aponta para a parede.

— Obrigada, as que estão penduradas não estão à venda, vou mantê-las comigo.

— Percebo certo padrão; enquanto essas são mais sombrias, as da outra parede são alegres. Algum motivo em especial?

— Acho que apenas depende do meu humor para o dia — Katherina explica sem se aprofundar na questão.

— Katherina, estou aqui porque algo de muito sério está para acontecer.

— Algum problema?

— Lorde Lorcan procurou pelo Sr. Lavelly, ele queria alertá-lo para que se afastasse de você. Lorcan o ameaçou.

— Mas por que ele faria isso?

— Segundo ele mesmo, você se casará com ele. Porque você é da família Rodwell.

— Jamais me casaria com Lorcan, Carter não o suportava, não posso desonrar a memória dele assim.

— Então deve se casar com o Sr. Lately o mais rápido possível.

— Isso também não é uma alternativa, lady Eleanor, não vou me casar.

— Kathy — Eleanor diz usando seu apelido. — Lately acredita e tenho que concordar com ele, que talvez Lorcan tente comprometê-la de alguma forma e assim obrigá-la a se casar com ele.

— Isso...

— Você sabe como foi que Simon e eu nos casamos? — Eleanor a interrompe. — Três anos atrás perdi meus pais e meu tio assumiu nossa tutela, com o tempo James começou a ficar doente e ficou muito perto da morte. Suspeitei que meu tio pretendesse matá-lo, já que ele seria o próximo herdeiro. Certo dia o ouvi dizer que se casaria comigo, assim teria o testamento do meu pai a seu favor. O homem que se casasse comigo seria o tutor legal de toda fortuna. Por isso procurei um noivo e me casei tão rapidamente. Meu tio iria me comprometer perante a sociedade, exatamente como Lorcan pretende.

— Mesmo que ele faça isso, não me casarei com ele.

— Do que tem medo, Kathy?

— Meus noivos sempre morrem.

— Isso é apenas um infortúnio, não pode deixar que uma bobagem como essa interfira em sua vida. Não quer uma família? Filhos? Alguém que fique ao seu lado a apoiando durante todo o caminho.

— Claro que eu desejo uma família — Katherina diz com uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. — Mas o destino decidiu que ficarei sozinha. Não vou ser a culpada pela morte de Lately.

— Ele não vai morrer, querida. Você precisa se casar, tenho certeza que Carter não desejaria que ficasse sozinha.

— Eu sei que não.

— Simon e Lately foram tentar uma licença especial para que se casem; caso não consiga, a única alternativa seria fugir para a Escócia e se casarem lá.

— Não estou concordando com esse casamento.

Eleanor suspira e olha para os quadros sombrios na parede.

— Não deixe que os seus medos a impeçam de ser feliz. Lately a respeita e tenho certeza que a deseja, por que não se casar com ele e dar uma chance a si mesma de ser feliz?

— Porque não serei feliz quando ele estiver morto. O destino vai encontrar um meio de matá-lo.

— Kathy, Lately está determinado a ser seu marido e ele fará de tudo para que se casem, creio que até mesmo enfrentar a morte de frente. E alguma coisa me diz que ele sairá vitorioso.

Katherina se levanta e caminha até a parede, com seus olhos fixos na árvore atingida por um raio. Ela estava com medo. Como poderia concordar com essa loucura? Se dissesse sim, Lately estaria em risco na mesma hora, alguma coisa ruim aconteceria e ele seria morto.

— Se quiser um noivado mais longo, permitindo que se prepare...

— Um noivado longo é mais chances para o destino matar Lately.

— Se tudo der certo, amanhã pela manhã estarão casados. E seja lá qual for a maldição, tenho certeza que não aparecerá nesse dia.

— Passarei o resto dos meus dias temendo a morte de Lately.

— Da mesma forma que eu temo pela vida de Simon, se eu o perder sofrerei imensamente. Mas terei o conforto de saber que pude viver ao seu lado, não importa quantos dias foram. Você não gosta de Lately?

— Esse é o problema, lady Eleanor. — Katherina gira para olhar Eleanor.
— Eu gosto muito de Lately, a ponto de temer por sua vida.

— Isso é amor, querida, e temeremos por suas vidas todos os dias, mas pelo

menos os teremos ao nosso lado. Não deixe que as fofocas da sociedade atrapalhem a sua vida.

— Se eu disser sim, ele estará correndo risco de vida.

— Se disser sim, a sua chance de ser feliz finalmente chegará.

Katherina volta a olhar para o quadro e fecha os olhos. Sempre desejara uma família, ter filhos, sonhara com um marido que a olhasse com o mesmo brilho nos olhos que Coltrane tinha ao olhar para Cornélia. Mas parecia que estava fadada a ser sozinha para sempre; seria egoísmo aceitar se casar com Lately, em uma tentativa de ser feliz, o colocaria em risco.

Tocando a tela, ela sente o tecido grosso e frio de encontro a sua mão. A friagem refletia o frio que sentia em todo o seu corpo. Desejava ter a mãe ao seu lado a aconselhando, seria certo aceitar se casar com Lately, mesmo que ele estivesse em risco?

— E então, Kathy? — Eleanor pergunta.

— Sim — Katherina responde fechando os olhos e fazendo uma prece para quem pudesse ouvi-la.

Uma vez que aceitara se casar com Lately, só poderia pedir a Deus que o conservasse com vida.



Katherina sabia que era loucura aceitar se casar com Lavelly, mas uma vez que havia aceitado não poderia voltar atrás.

A noite passara tão rápido que, quando dera por si, estava em frente à sua penteadeira com a criada prendendo seus cabelos, um dos seus vestidos feitos para a temporada foi ajustado para se tornar um vestido de casamento. Cornélia buscara em um baú seu véu de noiva, que agora era preso nos cabelos de Katherina.

— Você está linda, minha irmã. — Cornélia segura a mão de Katherina. — Será uma das noivas mais lindas já vistas em Londres.

— Pela terceira vez serei uma noiva, Cornélia. Estou com medo.

— Não tenha, dará tudo certo.

Uma vez que Katherina está pronta, ela desce para se encontrar com as outras irmãs e Coltrane, que a esperavam para irem até a igreja.

— Você está linda. — Coltrane toma o braço de Kathy e os dois saem de casa. — Vai ser um prazer entregá-la para o seu futuro marido.

— Por que não vê a hora de ficar com uma irmã a menos? — Kathy provoca arrancando uma risada de Coltrane.

— Não, porque finalmente cumprirei a minha promessa para o seu pai.

Quando me casei com Cornélia, ele me fez prometer que se acontecesse algo com ele, cuidaria de todas, me certificaria que fizessem um bom casamento e fossem felizes.

— E me casar com um homem sem título é um bom casamento?

Coltrane para em frente à porta aberta da carruagem e toma as duas mãos de Kathy.

— É um bom casamento, porque eu sei que ele vai protegê-la, vai ampará-la em todas as questões e, principalmente, vai permitir que o seu talento cresça ainda mais, ele vai incentivá-la e ver você florescer de perto. Dará-lhe uma família. Você merece se casar, Kathy, independente do que a sociedade ou as matronas digam, você tem todo direito de se casar e ser feliz.

— Obrigada. — Kathy tenta segurar as lágrimas e entra na carruagem acompanhada por sua família.

Ao chegarem à igreja, Kathy percebe certa movimentação na porta, lady Eleanor e sua família estavam à espera deles.

— Algum problema, Wentworth? — Coltrane pergunta subindo as escadas correndo.

— Lavelly não chegou ainda — ele tenta dizer baixinho, mas Kathy consegue ouvir suas palavras.

— Eu disse, eu disse para vocês. — Ela se desespera e tenta voltar para a carruagem, mas é segurada por suas irmãs. — Ele deve estar morto em algum lugar, tudo por minha culpa.

— Não fale besteiras, Kathy. Não aconteceu nada com o Sr. Lavelly — Cornélia diz.

— Por que não vamos para a sacristia esperar por ele? Talvez alguma coisa o tenha atrasado — Eleanor diz indicando o caminho e Kathy é praticamente arrastada pelas mulheres.

— O que aconteceu? — Coltrane pergunta olhando para a rua.

— Não sei ainda, enviei meu criado até a loja para saber se aconteceu alguma coisa. Ele queria esse casamento, não iria sumir assim, Coltrane.

— Eu sei que não, o homem estava praticamente desesperado para se casar com Katherina. O meu medo é que essa história de maldição seja verdade e realmente alguma coisa tenha acontecido. Kathy não se perdoaria e temo que não se recuperaria de mais uma tragédia.



Aiden estava nervoso, era o dia do seu casamento e tudo parecia conspirar para que não conseguisse chegar à igreja. Primeiro, ao arrumar sua roupa, seu criado havia cometido um deslize e queimado seu paletó, o obrigando a preparar outra roupa; quando estava para sair, um problema na loja demandou sua atenção, o que o obrigou a correr até seu escritório para resolver.

Ao sair da loja, depois de quarenta minutos fechado no escritório com dois funcionários, não estava olhando para onde ia, já que estava nervoso por causa do atraso e quase fora atropelado por uma carruagem, se não fosse um dos empregados da loja o puxar, muito provavelmente estaria em uma cama esperando pelo médico.

Quando finalmente conseguiu entrar em uma carruagem de aluguel temeu respirar fundo, já que o dia parecia ser de azar, não queria demonstrar que começava a se acalmar, parecia que tudo finalmente daria certo. Até que a carruagem chacoalhou quase tombando. Uma das rodas se soltara, o que obrigou que ele descesse irritado.

— Será que um homem não pode chegar para o seu casamento em paz? — Aiden reclama olhando para o cocheiro, que se encolhe com a sua raiva. — O que mais pode acabar acontecendo?

— Não diria isso, senhor, essas palavras podem trazer ainda mais azar para o senhor — o cocheiro diz e se afasta depois de receber um olhar irritado.

Antes que possa esbravejar com outra pessoa, do nada um trovão se ouve e começa a chover molhando completamente Aiden.

— Que ótimo! — ele grita olhando para céu. O cocheiro que o tinha

alertado começa a balançar a cabeça enquanto tenta arrumar a roda.

Sem alternativas, Aiden vira as costas para a carruagem quebrada e praticamente corre para a igreja, durante todo o caminho é preciso se desviar de algumas pessoas, cavalos com seus cavaleiros que passeiam sem se importar com quem está passando, algumas carruagens que passam a toda velocidade por ele. Ao virar uma esquina, uma carruagem que passa por ali atravessa sobre uma poça de lama espirrando a água suja e enlameada sobre ele, fazendo com que desfira todos os tipos de maldições que conhecia.

— Senhor Lavelly? — Aiden escuta alguém gritar seu nome e ele olha por sobre o ombro, uma carruagem para ao seu lado. — Sou o cocheiro do duque de Wentworth, ele me enviou atrás do senhor — o homem grita para ser ouvido por sobre o som da chuva.

— Graças a Deus, vamos para a igreja, homem. — Aiden sobe ao lado do cocheiro mesmo, já que estava com pressa demais, para esperar que ele descesse e puxasse a escada para que entrasse na carruagem.



— Ele está praticamente duas horas atrasado, ele não vem, aconteceu alguma coisa — Kathy diz caminhando de um lado para o outro na sacristia. — É quase meio-dia e, quando der o horário, o padre não vai mais realizar o casamento.

— Não aconteceu nada, Kathy, acalme-se — Hester diz se abanando com o leque e mantendo um olhar atento no altar da igreja.

— Esqueceram quem eu sou? Sou a noiva amaldiçoada. Não tenho sorte, homem nenhum vive o suficiente para se casar comigo! — ela grita dando as costas para a porta e tenta arrancar o véu.

— Espero que não tenha desistido de se casar, enfrentei todos os tipos de má sorte para estar aqui, e se tiver que amarrá-la para que se case comigo eu farei. — Kathy gira ao ouvir a voz de Aiden.

— Você está vivo. — Kathy o olha da cabeça aos pés, completamente molhado e sujo de lama.

— Claro que estou, agora vamos nos casar, antes que o padre diga que teremos que esperar até amanhã.

— O que aconteceu, Aiden? — Eleanor pergunta.

— Depois eu explico, agora temos um casamento para realizar.

— Mas é quase meio-dia, e o noivo está completamente imundo — o padre diz para Coltrane, que olha para os noivos que se aproxima.

Kathy linda em seu vestido claro ao lado de Aiden, completamente imundo.

— Se realizar o casamento, farei uma doação generosa para a igreja — Coltrane diz fazendo com que o padre pare de resmungar.

— E se fizer isso o mais rápido que conseguir, lhe darei outra doação tão generosa quanto — Aiden complementa e o padre se arruma rapidamente no altar.

Aiden toma a mão de Kathy após limpá-la em um lenço que Simon lhe entrega e o padre pega a Bíblia.

— Trouxe as alianças? — o padre pergunta e Aiden tira uma caixinha do bolso. — Lady Katherina Threston aceita se casar com o Sr. Aiden Lavelly?

— Sim — ela diz baixinho e o padre não a corrige para que fale mais alto.

— Senhor Aiden Lavelly, aceita se casar com Lady Katherina Threston?

— Sim — ele diz com a voz grossa e alta.

— Troquem as alianças. — Aiden retira a luva de Kathy colocando a aliança em seu dedo, para em seguida Kathy fazer o mesmo. — Pelo poder a mim conferido pela igreja, os declaro marido e mulher. Por favor, assinem o livro de registros.

Após a assinatura, Kathy olha para suas irmãs, ela estava casada, mas o medo não passara ainda, na primeira vez seu noivo morrera ao sair da igreja.

— Eu disse que, assim que aparecesse o homem certo, ele quebraria a

maldição — Pippa tenta cochichar para Hester, mas todos na igreja conseguem ouvi-la.

— Estamos casados — Aiden diz com um sorriso e puxa Kathy para ele a beijando na frente de todos.

— Finalmente — Cornélia resmunga e enxuga algumas lágrimas. — Só espero que mais nada de azar aconteça com eles.

— Dos seus lábios para os ouvidos de Deus — Eleanor diz arrancando risada de todos.



Aiden observa Katherina ao seu lado na carruagem, uma vez que ele estava completamente sujo e nenhuma carruagem de aluguel iria querer levá-lo, Coltrane mandou que fossem na dele, que ele alugaria outra para a família. Os dois estavam a caminho de Eymer House, onde um café da manhã especial pelo casamento havia sido preparado.

— Você está bem? Está tão quieta — Aiden diz resistindo a vontade de segurar a mão de Katherina.

— Estou apenas preocupada, olha o seu estado, tenho certeza de que a maldição tentou a todo custo matá-lo.

— Não foi assim. — Aiden sorri. — Foram apenas alguns percalços, mas estou aqui. Nada de mal vai me acontecer. E outra, já nos casamos.

— O meu primeiro noivo morreu logo após o casamento.

— Já faz alguns minutos que nos casamos. Tire isso de sua cabeça, amor, nada vai me acontecer, já disse isso.

Katherina volta o rosto para olhar Aiden e tenta sorrir, ela estava preocupada, passaria todos os seus dias temendo a morte de seu marido.

— Você deve achar que sou uma louca.

— Louca não, apenas passou por coisas que a traumatizaram, não posso

imaginar como é perder alguém logo após o casamento, ou então um dia antes de se casarem. Isso lhe causou marcas que não serão apagadas tão facilmente.

— Após a morte de Carter, decidi que jamais me casaria novamente, não arriscaria a morte de outra pessoa, e agora veja só, estou aqui, casada novamente.

— E dessa vez será para sempre, vamos envelhecer juntos, ver nossos netos crescerem e quando um se for o outro irá junto. Morreremos velhinhos, dormindo em nossa cama de mãos dadas.

— Você não tem como prometer isso, Sr. Lately.

— Talvez, e é Aiden, estamos casados agora.

Aiden estende a mão para segurar a de Katherina, que abre um sorriso tímido.

— E eu sou Katherina Lately. — Ela ri. — Esposa do maior comerciante de toda Londres.

— Acho que a minha posição é ainda mais importante, afinal de contas sou casado com a maior pintora que esse mundo já viu.

— Bobagem, não sou tão boa assim; e outra existem outros pintores muito mais famosos que eu.

— Para mim não, só existe uma pessoa digna de todos os méritos por suas pinturas, e ela está ao meu lado.

A carruagem para em frente à Eymer House e Aiden ajuda Katherina a descer; ao entrarem em casa, o mordomo se aproxima rapidamente.

— Senhor Lately, seu criado o aguarda com uma muda de roupa nova.

— Obrigado, vou me trocar de roupa e volto para ficar com você. — Aiden beija a mão de Katherina e acompanha o mordomo para o andar de cima.

— Onde está o noivo? — Cornélia pergunta ao entrar em casa.

— Foi se trocar, seu criado trouxe uma roupa nova para ele.

A família, bem como os convidados vão para a sala de jantar onde o café da manhã estava sendo servido. Alguns minutos depois, Aiden se junta a eles, sentando-se ao lado de Katherina.

— Vou sentir falta de Katherina. — Pippa suspira encarando seu pãozinho doce e sente alguém lhe fazer um carinho nos cabelos.

— Ela não está se mudando para longe, poderemos visitá-la sempre que quisermos, não é, Sr. Lavelly?

— Sim, Hester, e agora podem me chamar de Aiden, somos da mesma família. E vocês serão sempre bem-vindas, tanto em nossa casa, quanto na loja.

— Viu, Pippa, vamos visitar a Kathy quantas vezes quisermos, e não haverá problema nenhum nisso, porque agora ela é uma mulher casada, não precisamos nem da nossa preceptora junto.

— Isso é a melhor parte — Pippa diz voltando a se alegrar.

— Coltrane, gostaria que pedisse para que os seus criados cuidem de transportar todo o material de pintura de Katherina para a minha casa. Pedi a minha governanta que arrumasse um dos quartos para ser o ateliê de pinturas, e acredito que a essa hora ele já esteja pronto.

— Vou pedir para que façam isso. Sei que Kathy não consegue ficar sem pintar um dia que seja.

— Nem sempre estou inspirada, Coltrane.

— Mas hoje é o seu casamento, quer inspiração melhor do que essa? — Hester pergunta. — Se eu soubesse pintar, faria um lindo desenho de você agora, está tão bonita.

— A mamãe estaria emocionada — Cornélia concorda e enxuga uma lágrima. — Agora só falta arrumarmos um noivo para Hester e teremos alguns anos de folga até que chegue a vez de Pippa.

— Quem sabe, sem a minha presença ao lado de Hester, alguém demonstre

interesse por ela.

— Não será tão fácil assim, agora Hester é minha cunhada e vou ajudar Coltrane a afastar os caçadores de dotes.

— Isso é o que mais me preocupa, alguns me procuraram demonstrando interesses por Hester, três deles estavam praticamente falidos e só perguntavam quanto que viria de dote junto com Hester. Os coloquei para correr.

— Alguém quis fazer-me a corte? — Hester pergunta sem acreditar. — Por que não disse nada?

— Como eu disse, eram apenas interesseiros. Quando alguém demonstrar que realmente deseja a você e não o seu dote, deixarei que saiba do seu interesse.

— Conte com minha ajuda, Coltrane, sei muito bem quem são os nobres que estão com dificuldades, já que alguns deles estão devendo em minha loja.

— Céus, agora é que não me caso! — Hester resmunga arrancando risada de todos.

— Não se preocupe, Hester, Cornélia e eu a ajudaremos.

— Isso mesmo, Kathy. Nós a ajudaremos, Hester.

Após a refeição servida, os convidados se despedem e vão embora, deixando apenas a família de Katherina, suas irmãs tinham lágrimas nos olhos quando começaram a se despedir. Por mais que Cornélia insistisse que ficassem aquela noite ali, Aiden queria mostrar para Kathy sua nova casa.

O novo casal desce as escadarias até a carruagem após abraçar a todos, Aiden ajuda Katherina a entrar na carruagem e ocupa um lugar ao seu lado.

— Você pode visitá-las amanhã se desejar. Agora pode fazer tudo o que quiser sem se importar com as fofocas.

— Eu sei. — Katherina suspira. — É a primeira vez que me separo delas, Pippa é tão pequena ainda.

— Não moramos muito longe, amor, e tenho certeza que muito antes que

você possa sair de casa para visitá-las, elas estarão batendo em nossa porta.

— Você não se importa? Realmente?

— Claro que não, são suas irmãs. Não quero que perca o contato com elas. Somos uma família agora.

— Obrigada.

A carruagem de Coltrane para em frente a um sobrado e Katherina, com ajuda de Aiden, desce observando a construção.

— Sei que não é uma mansão, mas é muito confortável. Se quiser podemos procurar outra casa.

— Não, somos somente nós dois, tenho certeza que essa casa está perfeita.

— Vamos entrar? — Aiden toma a mão de Katherina apoiando em seu braço e os dois entram na casa.

Katherina olha para os quatro criados da casa, que estão parados um ao lado do outro esperando as apresentações.

— Boa tarde — Katherina diz e eles respondem fazendo uma mesura para ela.

— Kathy, esses são o Senhor e Senhora Hughes, meu mordomo e a governanta, Turner meu criado particular e a senhorita Halls, ela lhe ajudará por enquanto até que sua criada chegue com suas coisas.

— É um prazer conhecer a todos.

Os criados se dispersam e Aiden toma todo o tempo do mundo apresentando cada cômodo da casa. Ao chegarem no que seria seu quarto a partir daquele dia ela encara a cama.

— Eu sei que os casamentos na alta sociedade, normalmente cada um tem o seu quarto, mas eu gostaria que ficasse aqui comigo.

— Aqui? — Katherina observa o quarto.

— Muito simples?

— Não, tem o seu estilo, é limpo, organizado. Apenas não esperava que quisesse que eu dormisse com você.

— Pois eu quero, e é algo que não tem negociação. Você dormirá todas as noites comigo em minha cama.

— Está bem — Katherina sussurra e vai até a janela observar a rua. — Você vai consumir o casamento agora?

— Está nervosa?

— Há algo que preciso contar, algo que ninguém sabe.

— O que foi, Kathy? — Aiden se aproxima e ela pode sentir o calor do seu corpo.

— Eu não sou virgem, alguns dias antes da morte de Carter, ele e eu ficamos juntos. — Katherina olha por sobre o ombro para Aiden, que a olha sem dizer nada. — O decepcionei? Sei que talvez deveria guardar segredo, mas eu não podia, queria lhe contar a verdade.

— Não importa, Kathy. Nada disso importa. Você o amava, não é verdade?

— Sim, de certa forma. Estávamos apaixonados, na época a morte de meu primeiro noivo parecia apenas um acidente, não imaginava que Carter morreria poucos dias depois.

— As duas mortes foram um acidente, Kathy. — Aiden estende a mão para ela, que coloca a sua delicadamente sobre a dele. — Venha, vou lhe mostrar que não me importo por não ser o primeiro, já que a única coisa que me importa é ser o último.



No dia seguinte ao casamento, Katherina se surpreendeu com a visita de Hester e Pippa logo pela manhã. Aiden, que estava saindo para a loja, apenas olhou para ela com um olhar de “eu avisei” e saiu de casa com um sorriso.

— Como você está? — Hester pergunta se sentando e olhando a pequena sala. — A casa não é tão grande quanto a nossa.

— Não me importo, Aiden me mostrou tudo, adorei essa casa e ainda não temos filhos, então é perfeita para o momento. Sinto certa paz e aconchego ao morar aqui.

— Que bom, temíamos que iria querer voltar correndo para casa — Pippa brinca arrancando uma risada de Katherina.

— Temo que não voltarei.

— Então já se conformou que a maldição não existe?

— Ainda não, temo que esse medo não me abandone tão cedo. Meu coração está apertado por pensar nele lá fora, com tanta coisa que pode acontecer.

— Se viver com medo, não vai aproveitar o casamento, o Sr. Lave... quer dizer, o Aiden — Pippa se corrige. — Parece muito apaixonado por você.

— Vou tentar não pensar muito nisso, mas mudando de assunto, já que

vieram até aqui, porque não vamos até a loja, podemos tomar um chá e comprar os pãezinhos da Cornélia.

— E eu preciso de uma fita nova para usar hoje à noite, será meu primeiro baile sozinha. Agora que é casada, não terei ninguém para me acompanhar no canto das solteiras.

— Você vai se divertir, tenho certeza que terá diversos pedidos para dançar.

— Você não vai ao baile, Kathy? — Pippa pergunta enquanto elas colocam as luvas e saem de casa.

— Lady Eleanor sugeriu ontem que eu não comparecesse essa noite, a notícia do meu casamento vai começar a se espalhar, ela achou que seria melhor se comparecêssemos como um casal no baile do marquês de Eglington. Como será algo um pouco menor e cheio de amigos será ideal para que eu apareça com meu marido.

— Se lady Eleanor disse, então talvez seja realmente o ideal — Hester concorda.

As três caminham os dois quarteirões que separam a casa da loja, ao entrarem no grande prédio Katherina pode sentir alguns olhares sobre ela, principalmente pelos funcionários.

— Acho que seu casamento não é mais novidade aqui na loja. — Hester ri enquanto Katherina empurra as irmãs para a confeitaria no andar térreo.

— Três chás e bolinhos — Katherina pede e a moça atrás do balcão rapidamente entrega os pedidos.

— Você acha que haverá fofocas? — Hester pergunta olhando para os outros fregueses da confeitaria.

— Provavelmente, mas já sabíamos que isso poderia acontecer. Além do mais, fofocas a meu respeito não é novidade.

— Cornélia disse que não deveríamos responder as provocações ou aos falatórios.

— E ela está certa, Pippa, se formos dar atenção faremos apenas o que eles querem, dar ainda mais motivos para mexericos.

Após o chá com bolinhos, e comprarem os pãezinhos de Cornélia, as três sobem para o primeiro andar atrás da fita de Hester. Enquanto sua irmã escolhe o tom certo da fita, Katherina observa os outros vendedores, um deles lhe chama a atenção por preparar algumas telas, depois de avisar as irmãs onde estaria, ela vai até ele.

— Bom dia.

— Bom dia, Lady Lavelly, em que posso ajudá-la? — Katherina olha para o senhor e abre um sorriso.

— Pode me chamar por Sra. Lavelly, meu marido não tem um título, nada mais que justo que eu use o mesmo tratamento que ele.

— Como quiser, Sra. Lavelly.

— O senhor faz essas telas?

— Sim, meu filho me ajuda.

— Em qualquer tamanho?

— O que a senhora desejar.

Katherina pega três telas as colocando lado a lado e olha para elas por um tempo.

— Acredita que poderia fazer uma desse tamanho?

— Ficará enorme, mas sim, podemos fazer, terei que sustentar no meio, para que o tecido não se rasgue.

— Quanto...

— Não, senhora. — O senhor balance as mãos. — O Sr. Lavelly já orientou a todos, a senhora pode comprar o que quiser e devemos apenas enviar a nota para ele. Não se preocupe com o valor.

— Está bem, já que é assim que meu marido deseja. — Katherina tenta resistir ao desejo de revirar os olhos. — Vou precisar de alguns pincéis maiores, os que eu tenho são para desenhos mais delicados.

— Temos alguns ideais para isso. Assim que a tela estiver pronta, meu filho entregará tudo em sua casa.

— Obrigada.

— Não tem de quê, se precisar de mais alguma coisa, me avise.

Katherina volta para junto de suas irmãs, que a puxam para o próximo andar. Ao contornarem a escada dão de frente com Aiden e seu secretário.

— Ouvi comentários que minha querida esposa estava na loja, ao que parece são verdadeiros. — Aiden toma a mão de Katherina e deposita um beijo.

— Hester precisava de uma fita.

— Encontrou, minha irmã? — Aiden pergunta fazendo Hester corar com o tratamento.

— Como não haveria de encontrar? Parece haver de tudo nessa loja.

— Essa é a intenção. Tenho que conversar com alguns funcionários. Ficarão bem sozinhas?

— Não se preocupe, não nos perderemos dentro da loja — Pippa diz puxando Hester deixando Katherina para trás com Aiden.

— Elas estão nas nuvens com o tratamento que estão recebendo, tudo porque são suas cunhadas.

— Pedi que informassem a todos sobre o nosso casamento, aqui vocês receberão o melhor tratamento que poderiam ter.

— Obrigada. Melhor ir atrás delas, ou terá que enviar uma equipe de resgate para os seus funcionários, pois elas os deixarão doidos.

— Não vou detê-la mais, antes de ir embora me procure.

Katherina tenta se afastar, mas Aiden segura a sua mão, ele olha para os lados e uma vez que tem certeza de que ninguém os observa a beija delicadamente, provocando um arrepio no corpo de sua esposa.

— Não se esqueça de me procurar. — Aiden se afasta com um sorriso e Katherina balança a cabeça tentando clarear as ideias. Desde que tiveram a primeira noite juntos, todas as vezes que ele a tocava provocava arrepios.



A festa do marquês, mesmo que menor em comparação aos outros bailes, estava praticamente lotada. Segundo lady Eleanor, todos estavam ansiosos por poderem finalmente ver Katherina e seu marido. Muitos queriam comprovar com os próprios olhos que Aiden ainda estava vivo alguns dias depois.

— Não há mais nada para essas pessoas verem do que nós dois? — Katherina pergunta irritada e Aiden ri ao seu lado.

— Somos o casal da temporada, acredito que até mesmo superamos o casamento de Eleanor e Simon.

— Ele é um duque, como podemos superar o casamento deles?

— Você é a pintora sensação do momento e eu sou o dono de uma loja de departamentos. Você uma dama e eu apenas um plebeu.

— E você é a noiva amaldiçoada, não se esqueça, Kathy — Hester complementa.

— Muito obrigada por me lembrar, Hester. — Katherina revira os olhos e se aproxima de Aiden apertando o seu braço.

— O que foi, meu amor? — Aiden pergunta preocupado, mas antes que ele possa responder, alguém se aproxima.

— Você se casou?! — Lorcan grita atraindo a atenção de várias pessoas.

— Lorde Rodwell — Aiden estica a mão, que é ignorada.

— E então, Katherina?

— É Sra. Lavelly agora — Katherina responde. — Sim, eu me casei.

— Não que seja de sua conta — Aiden complementa respirando aliviado quando Simon e Riley se aproximam.

— Você não poderia ter se casado, você deveria ser minha noiva. Eu estava conversando com Coltrane...

— E, segundo ele, não havia qualquer hipótese nesse casamento, já que a Sra. Lavelly havia rejeitado a ideia — Simon diz e recebe um olhar mortal de Lorcan.

— Não estou falando com vocês. Vamos, Katherina, temos que conversar. — Lorcan agarra o braço de Katherina e leva um empurrão de Aiden.

— Nunca mais toque em minha esposa, ou não vou responder pelos meus atos.

— Quem você pensa que é para me enfrentar? Sou o herdeiro de um título, um cavalheiro, enquanto você cresceu nas sarjetas de Londres. Não deveria nem estar nesse baile.

— Uma vez que eu sou o anfitrião e convidei o Sr. Lavelly e sua esposa, eles estão aqui com a minha bênção. No seu caso, foi convidado apenas porque convidei o conde de Eglington e sua esposa, e por ser sobrinho dele — Riley explica.

— O que está acontecendo, Lorcan? — Fergus, o conde de Eglington, pergunta.

— Katherina se casou com um plebeu — Lorcan diz cuspiendo as palavras.

— Casou? — Henrietta leva as mãos ao rosto para, em seguida, puxar Katherina para um abraço. — Mil felicidades em seu casamento, minha querida. Carter estaria muito feliz por ver que finalmente se deu uma chance de ser feliz.

— Feliz? — Lorcan grita. — Meu primo não estaria feliz por ver sua noiva casada com um ninguém.

— E ele estaria feliz se ela se casasse com você? — Aiden pergunta.

— Sou da família.

— Você vai herdar um título, terras, dinheiro, mas não significa que irá herdar a noiva de seu primo — Simon diz tentando afastar Lorcan de Aiden. — Além do mais, agora não há o que fazer. O casamento foi realizado e consumado.

— Vou apelar para o Parlamento, para a igreja, esse casamento será anulado. Katherina foi ludibriada por esse homem, ele quer apenas o dinheiro dela.

— Lorcan, não faça nada impensado, Katherina tem o direito de se casar com quem bem desejar — Henrietta diz. — Vamos, já chega de confusão, estão todos olhando e comentando.

— Vamos, Lorcan — Fergus chama e olha para Katherina. — Henrietta tem razão, Carter estaria feliz. Você não deveria parar sua vida por causa da morte dele. Ele a amava.

— Obrigada — Katherina sussurra e volta para perto de Aiden, que abraça a sua cintura sem tirar os olhos de Lorcan.

— Isso não vai ficar assim.

— Vou considerar isso como uma ameaça, e tenho várias testemunhas que podem confirmar suas palavras — Aiden alerta.

Lorcan sai puxado por seu tio. Assim que eles se afastam, Katherina abraça Aiden, que a sente tremer em seus braços.

— Ele não vai deixar por isso mesmo vai? — Katherina pergunta.

— Temo que não, mas não se preocupe, vou cuidar de você.

— Não é comigo que estou preocupada, mas sim com você.

— Vou ficar bem, meu amor, quer ir para casa? Hester pode ficar com Eleanor.

— Não, eu vou embora também, não estou mais no clima para dançar — Hester diz e faz um carinho na irmã. — E tenho certeza que Coltrane gostaria de saber o que aconteceu aqui.

— Desse jeito não vai se casar, minha irmã — Katherina diz levantando o rosto do ombro de Aiden.

— É a minha primeira temporada, Kathy, e ela ainda não terminou. Além do mais, se for para arrumar um noivo interesseiro ou grosso como Lorcan, prefiro procurar alguém como Aiden.

— Fico feliz que me considere como um exemplo. — Aiden sorri e estende o braço livre para Hester.

Depois de se despedirem de todos, o trio vai para a carruagem que Coltrane emprestara, a noite estava terminada da pior forma possível. Mas Aiden planejava animar a esposa assim que chegassem em casa e, principalmente, tirar o medo que via em seus olhos.



Duas semanas se passaram após a festa em que Lorcan praticamente enfrentara Aiden, as coisas pareciam se acalmar, mas a sensação de medo e de que alguma coisa poderia acontecer, não abandonava Katherina. Como distração, ela passava o dia em seu quarto de pinturas, a tela encomendada chegara e ela preparava um presente especial para o marido.

Ao ver a tela tão grande e descobrir que seria um presente, por diversas vezes, Aiden perguntara se seria um retrato de corpo inteiro de Katherina para ele.

— Você não deveria estar aqui — Katherina resmunga pela quinta vez e Aiden apenas sorri, ele estava sentado em uma poltrona atrás da tela que ela pintava, assim não poderia ver o que estava sendo retratado.

— Vê-la pintar, me acalma. Além do mais, a loja está praticamente transbordando de pessoas, o baile de Eleanor e Simon parece ter movimentado toda Londres.

— O duque sempre se manteve fora dos salões, agora que se casou e acompanha Lady Eleanor atraiu as atenções.

— Sem contar que todos estão ansiosos para verem a Mansão Halsey por dentro.

— Tem isso também. — Katherina ri e se levanta, ela caminha lentamente até Aiden, que a puxa para o seu colo.

— O que foi, meu amor?

— Sinto uma inquietude em meu peito, estou com medo desde a hora que eu acordei.

— Está tudo bem, você está segura e eu estou aqui com você.

— Eu sei, mas não consigo evitar, meu coração está batendo tão rápido que tenho até medo que pare de bater.

— Quer que eu a distraia? — Aiden pergunta abrindo os botões do vestido de Katherina e beijando seu pescoço.

Uma batida na porta faz com que Katherina dê um pulo do colo de Aiden, que resmunga.

— Sim? — Katherina pergunta abanando o rosto, tentando controlar o desejo que o marido despertara nela.

— Desculpe por aparecer sem avisar, Sr. Lavelly — Baldrick diz ao abrir a porta. — Mas o senhor é necessário na loja.

— Avisei que passaria o dia com minha esposa.

— Sinto muito, se realmente não fosse importante, não estaria aqui.

— Pode ir, Aiden, vou ficar bem. Além do mais vou visitar minhas irmãs, estou com saudades dos meus sobrinhos.

— Não saia sozinha.

— Não vou.

Aiden beija Katherina e, após lhe fazer um carinho, acompanha seu secretário até a loja.

Após limpar todos os pincéis que usara e pegar sua bolsa e chapéu, Katherina sai de casa, onde o senhor Hughes parara uma carruagem de aluguel.

— Obrigada — Katherina agradece e entra com sua ajuda na carruagem.

O percurso até a casa de Cornélia não era longe, poderia fazer a pé, mas prometera a Aiden que não andaria sozinha por Londres, por isso optara por uma carruagem. Katherina olha pela janela o caminho, e quando o cocheiro passa direto pela rua de sua irmã ela se preocupa.

— Com licença? — Katherina chama pela janela de comunicação, mas é completamente ignorada. — Senhor?

A carruagem toma um pouco de velocidade e depois de alguns minutos para em uma rua um pouco mais afastada, a porta se abre e Katherina grita ao notar o homem que sobe.

— Como vai, Katherina?

— Lorcan? O que deseja? — Katherina se aproxima da outra porta tentando abri-la sem sucesso.

— Você. — Lorcan abre um sorriso e a carruagem chacoalha ao voltar a se movimentar. — Vamos para a minha casa de campo, lá poderemos ficar juntos e acertar tudo.

— Acertar tudo? — Katherina continua tentando abrir a porta e Lorcan abre um sorriso.

— Ela está trancada, não conseguirá fugir, minha querida.

— Me deixe ir, Lorcan, eu me casei, não há nada que possa fazer.

— Sempre posso fazer alguma coisa.

— Aiden vai notar meu sumiço, ele virá atrás de mim.

— Lately não é nada comparado a mim. O que ele pode fazer? Sou um cavalheiro e se removi um obstáculo do meu caminho sem ser descoberto, o que a leva a crer que responderei por roubá-la?

— Que obstáculo? — Katherina sente seu corpo gelar ao ouvir as palavras de Lorcan, ele se ajeita no banco a sua frente e o sorriso que abre é diabólico.

— Carter. Ele estava me atrapalhando a conseguir o que eu queria, o que

era meu por direito. Eu deveria ser um conde.

— Vo-você... você o matou?

— Não foi difícil, bastou apenas pagar para o cocheiro assustar os cavalos e deixar que eles fizessem o resto. Claro que o acidente foi melhor do que eu imaginava. Não precisei nem ao menos fingir ao lado da sua cama, que estava triste por sua perda.

— Como você pode? — Katherina grita e avança sobre Lorcan, que lhe dá um tapa no rosto a derrubando no chão da carruagem.

— Eu mereço ser o conde de Eglington e não Carter, aquele estúpido. E quando ele anunciou o seu casamento com você, percebi que ele teria ainda mais do que era meu por direito. Então simplesmente o tirei do meu caminho e permiti que você vivesse o seu luto. Quando voltou para Londres, deveria ter se tornado minha noiva, mas o que você fez? Permitiu que um rato de sarjeta tocasse em você! — Lorcan grita cuspiendo as palavras. — Você era intocada, pura, era para ser minha.

— Nunca seria sua — Katherina diz se afastando. — Eu amava Carter, me entreguei a ele, minha pureza foi entregue nas mãos de Carter sem remorso e após me entreguei ao Aiden com alegria. Você jamais encostaria ou encostará em mim. Prefiro a morte.

— Eu posso providenciar isso. — Lorcan aproxima seu rosto de Katherina. — Mas apenas depois de tê-la em minha cama. Você será minha pelo tempo que eu quiser, após permitirei que morra.

— Jamais serei sua.

— É o que veremos.



— Como assim, ela não chegou? — Aiden pergunta para Cornélia, que ao notar sua preocupação se levanta. — Meu mordomo disse que a colocou em uma carruagem há meia hora e que ela estava vindo para cá.

— Ela não está aqui, Aiden, estamos esperando por ela a tarde inteira — Cornélia diz. — Onde Kathy poderia estar?

O mordomo de Cornélia entra na sala acompanhado por um casal e após anunciá-los se afasta.

— Katherina está? — Henrietta pergunta preocupada.

— Não, ela deveria estar aqui, mas não a encontramos — Aiden diz.

— Lorcan sumiu — O conde diz para Aiden, que sente suas pernas falharem.

— O senhor acha...

— É possível, desde o baile em que ele os confrontou, tem andando estranho, e hoje ele sorria a todo momento. Uma hora atrás, ele simplesmente sumiu, seu criado particular entrou em sua carruagem e foi embora.

— Para onde ele poderia ter ido? — Cornélia pergunta.

— Acredito que para a casa de campo dele, é o único lugar que não está sob a minha posse. São duas horas de viagem. Se ele conseguiu colocar suas mãos em Katherina, deve ter ido para lá.

— Eu tenho que ir. — Aiden vai para a porta e escuta passos atrás dele.

— Vamos com você — Coltrane diz com o conde de Eglington ao seu lado. — Vou pedir que preparem os cavalos, enquanto isso vou enviar uma mensagem para Wentworth, tenho certeza de que irá nos ajudar.

Meia hora depois, Aiden, Coltrane, Simon, Riley e Fergus partem a caminho da casa de campo de Lorcan. Estavam em desvantagem, já que ele conseguira se afastar tempo o suficiente de Londres, mas eles não desistiriam.

Katherina precisava dele, Aiden prometera que a protegeria e não conseguira manter sua promessa. Durante todo o caminho, ele só conseguia pedir para quem fosse que o ouvisse, que protegesse sua esposa, até que ele chegasse a tempo de salvá-la.



— Sabe que lugar é esse? — Lorcan pergunta apontando para a janela, a carruagem acabara de atravessar uma ponte e diminuía para a troca de cavalos.

— Não — Katherina responde sem olhar para onde ele indicou.

— Foi bem aqui que Carter morreu. Ele caiu daquela ponte.

— E sente satisfação em me apontar isso?

— Por que não haveria de ter? Estou prestes a ter tudo o que desejo.

— Não serei sua.

— Já disse que sua vontade é um mero detalhe.

— Vou providenciar a troca dos cavalos — o cocheiro avisa saltando da carruagem e Lorcan se ajeita.

— Não demorará muito para seguirmos viagem, logo estaremos em casa.

— Minha casa está em Londres — Katherina diz irritada mexendo as mãos para tentar soltar o nó que Lorcan havia feito para amarrar suas mãos e pés.

— Logo chamará minha casa de lar. É onde ficaremos juntos, provavelmente por pouco tempo, já que assim que tiver o que desejo providenciarei seu pedido.

Katherina olha de canto de olho para a porta da carruagem tentando pensar em uma fuga. A estalagem onde pararam estava com pouco movimento e precisava contar com a ajuda de alguém. Mesmo que não tivesse certeza de que alguém a ajudaria e enfrentaria Lorcan, precisava tentar.

— Senhor? — O cocheiro se aproxima e Lorcan levanta para amarrar a boca de Katherina para que não grite.

— Fique em silêncio.

Lorcan salta da carruagem e bate a porta, ele se afasta alguns passos e Katherina se estica, não haveria outra chance de escapar. Durante todo o caminho, Lorcan se vangloriara de quanto era inteligente por conseguir orquestrar a morte de Carter, mas naquele momento ele era um estúpido. Algumas senhoras saem da estalagem e param em frente à porta, provavelmente esperando por sua carruagem.

Elas estavam a vários metros de distância, mas Katherina não via outra forma, tinha que atrair a atenção delas, se levantando com dificuldade, ela pula até a porta abrindo de uma vez e se jogando ao chão com um grito abafado.

— Por Deus! — uma das senhoras grita ao olhar a cena.

— Katherina. — Lorcan se aproxima dela, que já tentava tirar a mordaça.

— Socorro! — Katherina grita assim que é jogada por cima do ombro de Lorcan e atrai a atenção de todos. — Me ajudem!

— Por favor, não prestem atenção, minha esposa tem um problema mental, estou levando-a para nossa casa onde ficará em repouso — Lorcan diz e tenta entrar na carruagem.

— Alto lá! — Um homem se aproxima e olha para Katherina.

— Sou Katherina Lavelly, meu marido é Aiden Lavelly, ele está me sequestrando, alguém me ajude! — Katherina se debate sobre o ombro de Lorcan.

— Ela está delirando.

— Delirando ou não, o senhor vai colocá-la no chão, não sairá daqui enquanto não acreditarmos que diz a verdade.

— Sou um cavalheiro, minha palavra é válida.

— Cavalheiro ou não, vai colocar a moça no chão. — Alguns homens se juntam em volta deles e Katherina continua pedindo por ajuda.

— Se afastem! — Lorcan diz e puxa a porta da carruagem, mas alguns homens o pressionam e arrancam Katherina dele.

— Por favor, estou dizendo a verdade — ela diz enquanto a desamarram. — Ele não é meu marido.

— Calma, moça, vamos levá-la para dentro da estalagem — um dos homens diz e a ajuda a caminhar. — Não deixem ele escapar, ele vai fugir! — ele grita por sobre o ombro.

A estalagem não era elegante como alguns hotéis de Londres, mas era bem arrumada e limpa, a mulher do dono se aproxima com um copo de água e um pedaço de pão, para que Katherina se alimente.

— Vamos enviar uma mensagem para o seu marido, poderá ficar essa noite aqui até que ele chegue.

— Obrigada, senhora, temia que ninguém fosse me ajudar.

— Está bem-vestida, o que comprova que é uma dama, e o seu olhar de pânico era possível ser visto de longe. Não poderíamos deixar que ele a levasse e no final ser verdade que estava sendo mantida contra sua vontade.

— Katherina! — A porta se abre batendo de encontro à parede e Aiden corre até ela a puxando para si.

— Aiden?

— Viemos assim que percebemos que havia desaparecido. — Aiden beija seu rosto e volta a abraçá-la forte.

— Ele está louco.

— Não se preocupe, Coltrane e lorde Eglington estão lá fora cuidando de tudo, ele vai responder pelo seu sequestro.

— Ele matou Carter, ele ordenou a morte dele, Aiden — Katherina diz finalmente derramando as lágrimas que segurara por tanto tempo. — Ele é um assassino.

— Ele vai pagar, meu amor, fique calma.

— Se quiser, temos um quarto disponível, podem ficar lá — a senhora diz novamente e Katherina rejeita.

— Quero ir para casa, preciso ir para casa.

— É claro, meu amor, vou providenciar uma carruagem, quer ficar aqui enquanto cuido de tudo?

— Não, por favor, não se afaste de mim.

— Eu não vou. — Aiden coloca o casaco sobre os ombros de Katherina e sai com ela da estalagem depois de agradecer a todos pela ajuda.

Katherina olha para Lorcan, que está sendo arrastado para uma carruagem da polícia com seu tio logo atrás.

— Lorde Fergus? — Katherina chama e ele vai até ela. — Ele matou Carter, ele queria o título.

— Tem certeza, criança?

— Ele confessou o crime. Na verdade, ele teve o prazer de me contar que foi aqui que ele matou Carter.

— Vou cuidar disso... — Fergus suspira e olha para Aiden. — Cuide dela, meu rapaz, dê todo o amor e carinho que ela teria recebido de meu filho.

— Eu vou cuidar, e o senhor e sua esposa serão sempre bem-vindos em nossa casa.

— Obrigado.

Coltrane, Simon e Riley se aproximam do casal, Katherina abraça o cunhado.

— Quem imaginaria que eu estaria aqui — Simon diz olhando para a estalagem e balança a cabeça.

— Por quê? — Aiden pergunta puxando Katherina para ele novamente.

— Os pais de Eleanor morreram aqui. Eles foram atropelados por uma carruagem.

— Oh, Deus! — Katherina sente as pernas falharem e Aiden a pega no colo.

— O que foi, meu amor?

— Lorcan matou os pais de Eleanor, a carruagem que os matou era a de Carter.

— Impossível — Simon diz se aproximando de Katherina.

— O cocheiro assustou os cavalos antes da troca, eles saíram em disparada e a carruagem de Carter saiu destruindo tudo no caminho até cair da ponte. Três anos. Foi bem aqui.

— Riley?

— Sim? — Riley pergunta para Simon. — Vá para a minha casa e fique com Eleanor, peça para Scarlett não sair do lado dela até que eu chegue e, por favor, não conte nada ainda. Vou com a polícia, quero garantir que Lorcan jamais veja o sol novamente.

— Não se preocupe, vou cuidar dela.

— Vamos para casa? — Coltrane pergunta indicando uma carruagem e Aiden concorda; após entrar, ele ajeita Katherina novamente em seu colo, puxando sua cabeça para apoiar em seu ombro.

Ela estava segura em seus braços e finalmente todo o perigo tinha terminado.

Epílogo

Três meses se passara desde que Katherina fora levada por Lorcan, muitos mistérios haviam sido resolvidos, principalmente a questão da morte dos pais de Eleanor. Após descobrir a verdade e que fora tão vítima quanto Katherina, a duquesa se dirigira até a sua casa, onde as duas choraram abraçadas por um tempo.

Descobrir que a morte de Carter fora planejada por Lorcan acabara com o falatório de que Katherina seria amaldiçoada. A morte de seu primeiro noivo fora um acidente e não havia mais nada a temer.

A temporada em Londres estava no fim, Cornélia decidira ir para o campo ficar por alguns meses com sua família, Hester e Pippa iriam junto. Mesmo que ficasse para trás e sentisse a falta de suas irmãs, Katherina estava feliz por ficar na cidade. Estaria ao lado de Aiden, o homem que a amava imensamente, demonstrando seu sentimento a cada segundo.

Antes que sua família partisse, todos se reuniram no saguão da Lavelly's, Katherina finalmente terminara seu quadro, que agora estava pendurado em uma parede coberto por um grande tecido.

— Nem mesmo eu sei o que está pintado ali — Aiden diz para Coltrane, que ri ao seu lado. — Fui impedido de colocar meus olhos na tela.

— É uma surpresa, meu marido, e não teria qualquer sentido de ser assim, se visse antes.

— Quando podemos tirar o tecido? — Pippa pergunta impaciente e Aiden pisca para ela indo para a frente do grupo que estava reunido.

— Alguns meses atrás, minha querida esposa começou a pintar um novo quadro, disse que seria um presente especial para todos na loja. Acredito que finalmente chegou a hora de finalmente testemunharmos a nova obra da Sra. Lavelly.

Aiden puxa o tecido revelando o imenso quadro onde a fachada da loja estava pintada, na rua em frente alguns funcionários foram retratados, era possível até mesmo identificar alguns deles. Sentadas em uma mesa na confeitaria estavam as irmãs de Katherina. No telhado da loja, um casal passara despercebido por Aiden.

— Não notou nada, meu marido? — Katherina pergunta apontando para o casal.

— Nós dois? — Aiden pergunta depois de se aproximar para olhar melhor. — Não pode ser, existe um bebê no colo da mulher. — Ele ri e olha para Katherina, que sorri. — Kathy?

— Foi uma adição de última hora.

— Está grávida? — Aiden a puxa para os seus braços, em sua animação perguntara tão alto que todos olhavam para eles em silêncio agora.

— Estou, meu marido, vamos ser pais.

Gritos de alegria enchem a loja enquanto Aiden beija Katherina apaixonadamente, comemorando a notícia.



À noite, após a grande revelação do quadro, Katherina e Aiden caminharam até a casa deles. Mesmo que ele estivesse disposto a encontrar uma casa maior, ela estava determinada a morar ali por longos anos.

Após entregar a capa, as luvas e o chapéu para o mordomo, Katherina toma as mãos de Aiden e o puxa para o quarto de pintura. Ao entrar, os olhos dele vão

diretamente para um quadro que começava a receber algumas cores. Katherina revelara o quadro de seu perfil no dia que voltaram após o sequestro de Lorcan.

Ela mostrara para Aiden, confessando que não conseguia deixar de pensar nele nenhum dia antes de se casarem e principalmente após o casamento.

— Quero lhe contar algo — Katherina diz se separando dele, ela levanta um quadro o pendurando na parede e se afasta.

Aiden observa o quadro onde uma árvore solitária é atingida por um raio. O mesmo quadro que ela se negara por tantas vezes a contar o seu significado.

— O que foi, meu amor?

— Pinteí esse quadro na noite em que soube da morte de Carter. Aquela árvore sou eu. Foi assim que me senti quando Carter morreu. Atingida por um raio, partida em milhares de pedaços, sozinha em uma grande escuridão.

— Por isso ele significa tanto para você?

— Sim, de todos os quadros foi o que melhor retratou meu sentimento naquele dia. — Katherina gira para Aiden e o abraça. — Já não me sinto mais assim. Estou completa, o meu mundo está cheio de luz, calor, felicidade. Eu te amo, Aiden, e jamais poderia ser tão feliz quanto agora.

— Eu te amo, Kathy, e fico imensamente feliz por você ter caído em minha loja. Carregá-la em meus braços naquele dia foi a melhor decisão que tomei. Porque foi o caminho aberto para finalmente tê-la comigo.

— Eu te amo, Sr. Lavelly. — Katherina beija Aiden, que a pega no colo indo para o quarto que dividiam.

Não existia nenhuma maldição em suas vidas, havia uma nova vida a caminho, e eles não poderiam ser mais felizes.



AS DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A DAMA FORMOSA

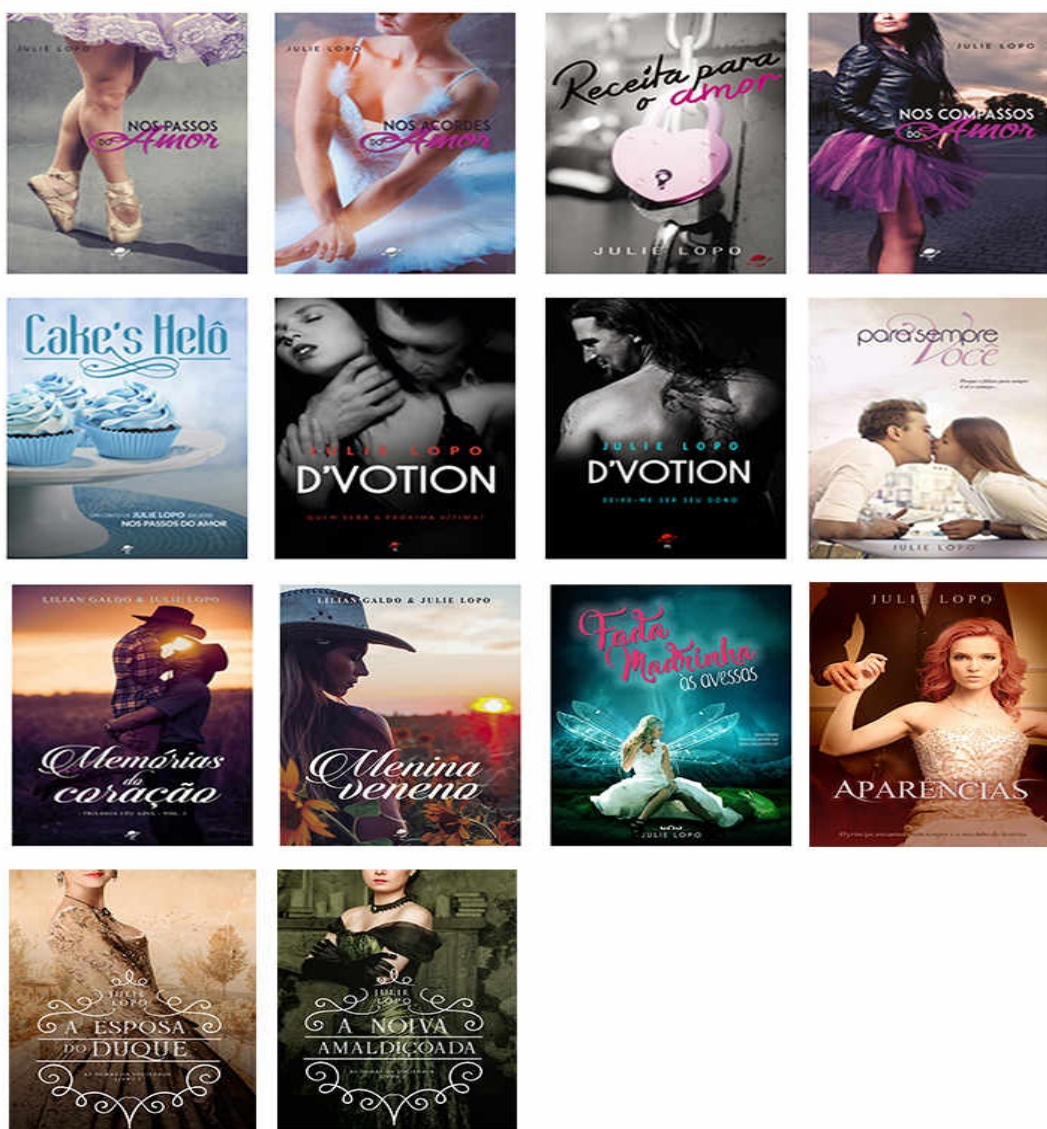
Biografia

JULIE LOPO nascida em São Paulo capital, formada em Direito. Leitora compulsiva, chegou a ler 25 livros em um mês. Viciada em livros, chocolate, sapatos e maquiagem. Sempre gostou de escrever, mas parou quando uma professora disse que não tinha talento, mas nunca desistiu do seu sonho. Gosta de filmes românticos, de comédia e de ação.

Autora da *Série Nos Passos, Para Sempre Você, D'votion: quem será a próxima vítima?*, *Memórias do Coração*, que foram publicados pela Editora PL.

"Encontrei na escrita uma paixão que quero dividir com o mundo."

Obras



amazon kindleunlimited

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)